

MARIA DE JESUS SANCHES | SÉRGIO MONTEIRO-RODRIGUES | ANA VALE

COORDENADORES

# ARQUEOCIÊNCIAS 2016

**Recintos Peninsulares da Pré-História Recente  
Métodos Multidisciplinares de Investigação**

**PRÉ-ATAS**







# ARQUEOCIÊNCIAS 2016

Faculdade de Letras | Universidade do Porto

## Recintos Peninsulares da Pré-História Recente Métodos Multidisciplinares de Investigação

Debate moderado por:

Vitor Oliveira Jorge & Sérgio Monteiro-Rodrigues

17 Março 2016

Anfiteatro Nobre



<http://arqueocienciasflup.weebly.com/>

[arqueocienciasflup@gmail.com](mailto:arqueocienciasflup@gmail.com)



**FICHA TÉCNICA:****TÍTULO:**

ARQUEOCIÊNCIAS 2016, Recintos Peninsulares da Pré-História Recente. Métodos Multidisciplinares de Investigação. Pré-Atas.

**COORDENADORES:**

Maria de Jesus Sanches, Sérgio Monteiro-Rodrigues & Ana Vale

**CAPA:**

Composição de Sérgio Monteiro-Rodrigues sobre foto de Maria de Jesus Sanches

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Cláudia Manuel Martins da Silva

**ISBN:**

978-989-8351-51-7

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Porto, 16 de Março de 2016



## ÍNDICE

<i>Problemáticas e Trajectórias Metodológicas na Investigação de Recintos de Fossos da Pré-história Recente no Interior Alentejano</i> - António Carlos Valera	1
<i>Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento: relações entre métodos, práticas e discurso</i> - Ana Vale	7
<i>As potencialidades dos estudos faunísticos para a investigação dos recintos peninsulares da Pré-História Recente: Os casos de Castanheiro do Vento e Perdígões</i> - Cláudia Costa	13
<i>Paradigmas métodos e contextos no estudo do recinto-monumento Crasto de Palheiros (Norte de Portugal) durante o III mil. AC</i> - Maria de Jesus Sanches	17
<i>Da homogeneidade arquitectónica à variabilidade construtiva: A Arqueologia da Arquitectura</i> - João Muralha Cardoso	23
<i>Castro da Columbeira: história dos trabalhos e últimos dados da investigação</i> - Cláudia Manso, Eliana Goufa & Francisco Rosa Correia	29
<i>Contributos para o estudo das estruturas em negativo da Pré-história Recente do Baixo Alentejo: o estudo da fragmentação na compreensão da natureza dos seus contextos</i> - Lídia Baptista & Sérgio Gomes	33
<i>BIG SITES, BIG ENCLOSURES.....BIG DATA? La tercera revolución científica y el estudio de los Recintos de Fosos en la Península Ibérica</i> - José Henrique Márquez Romero & José Luis Caro Herrero	41



# PROBLEMÁTICAS E TRAJECTÓRIAS METODOLÓGICAS NA INVESTIGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NO INTERIOR ALENTEJANO

António Carlos Valera

Era- Arqueologia S.A.; ICArEHB-UAIG; antoniovalera@era-arqueologia.pt

## ABSTRACT

In this text, the relationship established between the theoretical debate regarding the interpretation of prehistoric ditched enclosures and some of the methodological approaches that are being developed in order to test interpretative hypothesis will be analysed. In concrete, problems central to the interpretation of these contexts will be addressed, such as their temporality, density and distribution, dimension, ideological background of architectures, depositional practices, interaction and mobility, and the relationship of these issues with the methodological decisions and technological resources will be stressed. In this context, the current research designed to study the phenomena of enclosures in Alentejo region and the specific research project of Perdigões enclosures (Reguengos de Monsaraz) will be used.

## KEY WORDS

Ditched enclosures, methodological approaches, scientific inquiry.

Ainda que tardiamente relativamente a outras regiões europeias, os recintos de fossos da Pré-História Recente têm vindo a impor-se em Portugal e Espanha como uma das temáticas de vanguarda da investigação das trajectórias sociais das comunidades neolíticas (*lato sensu*).

Em Portugal, apresentando uma notável concentração no interior alentejano, estes contextos vão-se revelando fulcrais para a construção historiográfica dessas dinâmicas sociais, visibilizando de forma particularmente expressiva a relação recursiva que se estabelece entre questionários, recursos teóricos e opções metodológicas.

Nesta comunicação serão apresentados aspectos que pontuam o actual debate interpretativo relativamente a estes contextos e algumas das abordagens metodológicas que estão a ser desenvolvidas para responder aos questionários e para testar hipóteses interpretativas.

Concretamente serão focados os problemas centrais à interpretação da natureza destes contextos, tais como a sua temporalidade, densidade e distribuição, dimensão, fundamentação ideológica das arquitecturas, práticas deposicionais, interacção e mobilidade, na articulação que estabelecem com as opções metodológicas e recursos tecnológicos.

Os problemas da densidade e distribuição têm estimulado a utilização de métodos de detecção remota com resultados assinaláveis. Se muitos dos recintos têm sido identificados no decorrer de processos de minimização de empreendimentos com forte impacto no subsolo (como tem sido o caso da rede de rega associada à barragem de Alqueva, ou a construção de auto-estradas, com a do Baixo Alentejo ou do Pinhal Interior – Beira Litoral), cerca de um terço dos actualmente conhecidos no interior alentejano resultam de detecção realizada através do recurso a imagens de satélite e fotografias aéreas, num trabalho de investigação orientado por questionários científicos que visam a compreensão da expressão espacial deste fenómeno (VALERA & PEREIRO 2013; VALERA 2013a).

Para além da expressão espacial, a trajectória diacrónica deste tipo de sítios é igualmente central para a compreensão do seu papel nas dinâmicas sociais das comunidades neolíticas e calcolíticas, tanto no que respeita à definição do espectro cronológico da sua construção e uso, como à determinação das temporalidades internas de cada recinto, já que estas podem ir desde períodos curtos a períodos de cerca de um milénio e meio de utilização continuada ou intermitente. Nesse

sentido, programas de datação têm vindo a ser desenvolvidos aplicados a vários recintos para determinar o espectro cronológico do fenómeno (VALERA 2013b) e à caracterização de temporalidades internas, como é o caso do grande complexo de recintos dos Perdigões (VALERA *et al.*, 2014). Neste processo há que ter em consideração os problemas específicos que se colocam à datação deste tipo de contextos e que já foram enunciados (VALERA 2013c; VALERA *et al.*, 2014).

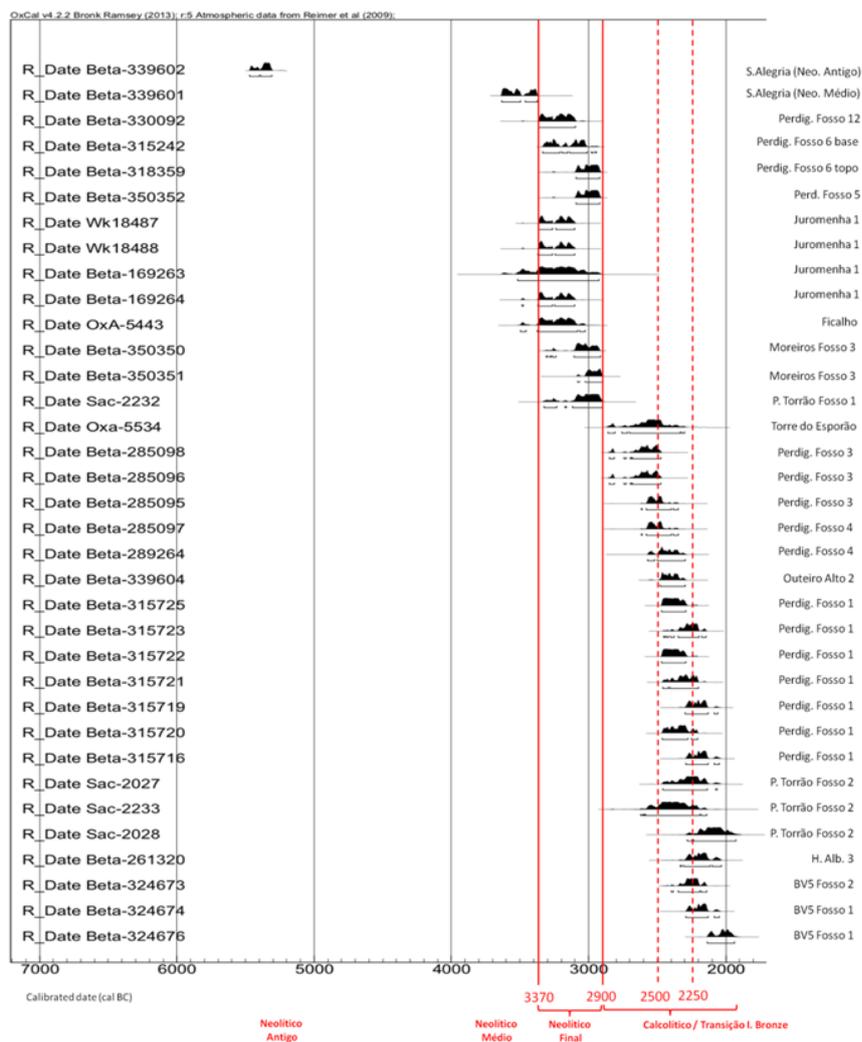


Fig. 1. Tabela de datações de radiocarbono para recintos de fossos portugueses (segundo VALERA 2013b).

Mas se o espaço e o tempo dos recintos de fossos são dois eixos óbvios da sua investigação, o conhecimento das suas características arquitectónicas não o é menos. A dimensão que podem ter, o desenho que as suas estruturas assumem na configuração dos recintos, as relações que essas características estabelecem entre si e com a paisagem envolvente são factores igualmente decisivos para a compreensão dos papéis sociais desempenhados por estes sítios. Por exemplo, vários recintos “escolhem” topografias que proporcionam visibilidades específicas, pretendidas, sobre a paisagem tanto terrestre como celeste. Em muitos as entradas apresentam orientações a acontecimentos astronómicos, como os solstícios e equinócios ao nascer e/ou pôr-do-sol, revelando uma inequívoca fundamentação ideológica das arquitecturas e dos locais escolhidos para a sua edificação. Outros apresentam formas de construção (por exemplo por segmentos de fossos sucessivamente adicionados) que revelam que o próprio acto construtivo (e não simplesmente o design) está imbuído de sentido e simbolismo.

Mas para que tais análises sejam possíveis precisamos de plantas o mais completas possível, algo difícil de obter por meios arqueológicos mais convencionais (escavações), já que muitos recintos aparecem em contexto de obra (com trabalhos arqueológicos limitados no tempo e no espaço), mas sobretudo dada a dimensão que muitos deles podem assumir (de várias dezenas de ha). O recurso a técnicas de prospecção geofísica torna-se então essencial para a obtenção de plantas que permitam aplicar aos recintos questionários orientados para as suas arquiteturas, relação com as paisagens e dinâmicas internas (VALERA & BECKER 2011; VALERA 2013a).

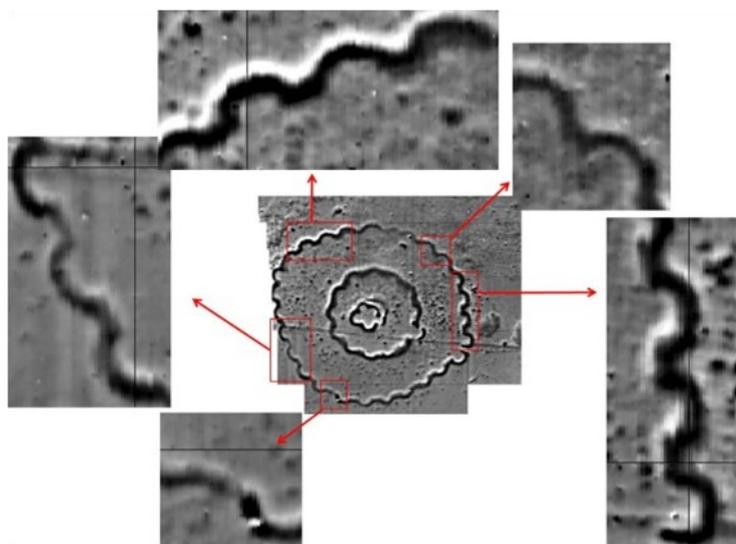


Fig. 2. Magnetograma de Xancra (Cuba, Beja) com evidência de alguns detalhes do fosso exterior, de construção segmentada (segundo VALERA & BECKER 2011).

A qualidade de mapeamento possível de obter com estas técnicas (nomeadamente por magnetometria) permite desenvolver estratégias de escavação orientadas à reconstrução das biografias destes sítios, como tem acontecido no complexo dos Perdigões (VALERA *et al.* 2014). São verdadeiros auxiliares da decisão no que respeita ao planeamento das intervenções, nomeadamente na definição das áreas de implantação das sondagens arqueológicas, no tamanho e orientação que estas devem ter e na ordem sequencial em que devem ocorrer, introduzindo mais previsibilidade e orientação ao trabalho arqueológico, permitindo que as estratégias de intervenção sejam mais adequadas ao questionário que conduz a investigação.

Por sua vez, a escavação visa não só responder a questões de cronologia e caracterização das estruturas (que são normalmente exclusivamente negativas) mas também aos processos através dos quais elas foram preenchidas, factor decisivo no debate que se desenrola relativamente à interpretação da funcionalidade destas estruturas e destes sítios. Assim, a caracterização da natureza das práticas deposicionais obriga a estratégias específicas de escavação e registo, assim como ao cruzamento de informação proveniente de abordagens a partir de várias especialidades (como a geoarqueologia ou a tafonomia). O objectivo é em geral procurar perceber se os enchimentos são de origem natural ou antrópica (ou mistos) e, sendo de origem antrópica, se são possíveis de discernir motivações e intencionalidades geradoras de padrões específicos de deposição.

Mas outros problemas centrais no debate em torno ao desempenho social destes recintos têm implicações nas abordagens metodológicas. Entre elas são de destacar as questões relacionadas com a interacção e a mobilidade (VALERA *in press*), as quais têm potenciado o aprofundamento de relações interdisciplinares com as ciências físicas, químicas e naturais. Análises arqueométricas (recorrendo a técnicas da Física e da Química) são utilizadas para distinguir produções locais de importações ou possíveis locais de proveniências de materiais exógenos, muito frequentes em alguns destes recintos e praticamente inexistentes noutros. Estudos isotópicos de Estrôncio (Sr)

são utilizados para investigar padrões de mobilidade humana que permitam testar as hipóteses interpretativas que atribuem a estes sítios o papel de centros de agregação periódica no contexto de estratégias identitárias e de negociação social, enquanto estudos de isótopos de Carbono ( $\delta C13$ ) e Azoto ( $\delta N15$ ) são utilizados para determinar dietas e confrontar esses dados com os disponíveis para as produções locais, contribuindo igualmente para a caracterização da mobilidade e das estratégias de subsistência.



Fig. 3. Objectos exógenos em marfim dos Perdigões (segundo VALERA *in press*).

Assim, no âmbito expositivo e problematizante desta apresentação, em que se procuram evidenciar as relações de dependência mútua entre quadro teórico interpretativo e processos de obtenção de informação empírica, será assumida ora a investigação geral em curso sobre os recintos de fossos alentejanos, ora o caso concreto do projecto de investigação dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz).

#### BIBLIOGRAFIA

- VALERA, A.C. 2013<sup>a</sup>. Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Almadan*, Segunda Série, (18): 93-110.
- VALERA, A.C. 2013. Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, AAP, 335-343.
- VALERA, A.C. 2013c. Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, Lisboa, Nia-Era, 7-11.

- Valera, A.C. *in press*. The “exogenous” at Perdigões. Approaching interaction in the late 4th and 3rd millennium BC in Southwest Iberia.
- VALERA, A.C. & BECKER, H. 2011. Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, 23-32.
- VALERA, A.C. & PEREIRO, T. DO 2013. Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP, 345-350.
- VALERA, A.C., SILVA, A.M. & MÁRQUEZ ROMERO, J.E. 2014. The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL*, 23: 11-26.



# CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO E CASTANHEIRO DO VENTO: RELAÇÕES ENTRE MÉTODOS, PRÁTICAS E DISCURSO

Ana Vale

CEAACP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

## ABSTRACT

The aim of this text is to describe the way in which we produce archaeological knowledge using the example of two specific walled enclosures, Castelo Velho de Freixo de Numão and Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). Throughout the text I will try to relate the methods of recording and representation with the discourse that have been published by the authors responsible for the fieldwork. The discussion about the links between theory and practice, and interpretation and methodologies, follows the history of the discipline. Processualism and post-processualism seemed to have each highlighted one part of the archaeological exercise – processualism being connected with method (borrowed from natural sciences) and post-processualism being more connected with theory (borrowed from the social sciences). This text is also based in the generally accepted assumption within archaeology that different questions and methods produce different practices and discourses.

## KEY WORDS

Castelo Velho, Castanheiro do Vento, walled enclosures, methods and practices.

As escavações no sítio Castelo Velho de Freixo de Numão iniciam-se em 1989 e os trabalhos de campo no sítio de Castanheiro do Vento começam em 1998<sup>1</sup>. A longa história de investigação sobre estes sítios irá permitir analisar a relação entre método e teoria, discutindo o percurso destes recintos murados interpretados nos anos 80 do século XX como *povoados fortificados*, nos anos 90 como *lugares monumentalizados* e agora apelidados de *colinas monumentalizadas*. Este percurso interpretativo acompanhou de alguma forma a história da Arqueologia, sentindo-se a influência da escola processualista e da escola da Arqueologia interpretativa em diferentes fases do processo de investigação. Mas de que forma as mudanças interpretativas ao nível do discurso corresponderam a mudanças metodológicas na prática arqueológica? Como foram sendo “produzidos” estes sítios?

Começamos com o sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) e pelo percurso de uma investigadora em particular, Susana Soares Lopes. O emblemático artigo publicado em 1994<sup>2</sup> agita as explicações tecidas até então sobre a Pré-história Recente peninsular assim como incomoda os discursos processualistas e histórico-culturalistas em uso. A comparação de 69 sítios arqueológicos identificados na Península Ibérica como “povoados fortificados” permite a autora questionar a homogeneidade (consensual) deste tipo de sítios; sugere a designação de “lugar monumentalizado” para nomear Castelo Velho de Freixo de Numão e sítios similares, ou seja, os recintos murados peninsulares<sup>3</sup>. A partir de 1994, Castelo Velho permanecerá como lugar monumentalizado, e é estudado sobretudo prestando a *máxima atenção aos microcontextos* e entendido “como um lugar de interação com uma *paisagem* em permanente construção” (JORGE 2005:10). Estas são as duas dimensões em jogo no estudo do sítio - *arqueologia de microescala*, dos

<sup>1</sup> Ambos os sítios se localizam no concelho de Vila Nova de Foz Côa e distam entre si 11 km.

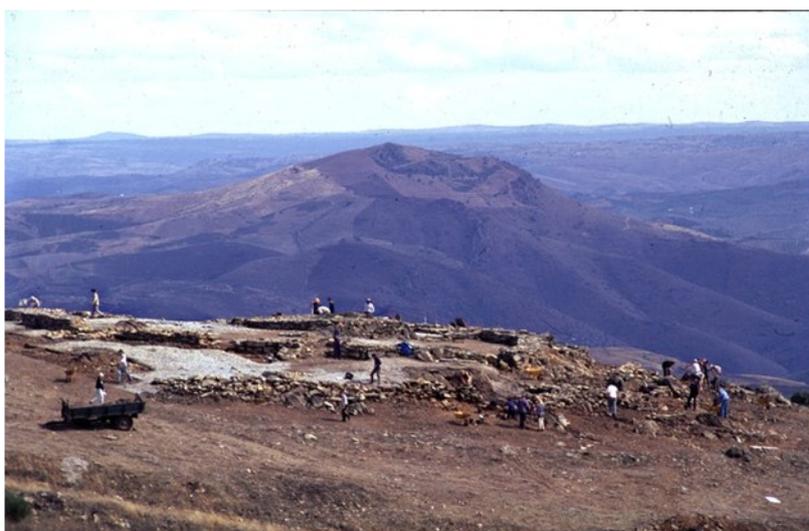
<sup>2</sup> “Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular”, publicado originalmente na *Revista da Faculdade de Letras*, IIª Série – Vol. XI, Porto, 1994, pp. 447-546 e republicado em *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Edições Afrontamento, Porto, 2005, pp. 15-88.

<sup>3</sup> Mais tarde alarga esta designação aos recintos de fossos, referindo-se ao conjunto de recintos murados e recintos de fossos como recintos monumentais (JORGE, S.O. 2003).

microcontextos, das deposições e das condenações, através do registo cuidado pelo desenho e fotografia e pelo registo tridimensional de todas as “pequenas coisas” e a *arqueologia das espacialidades*, das “grandes fases de “domesticação” das pré-existências, dos grandes momentos de criação de espaços construídos até ao abandono definitivo” [JORGE 2005 (2003):207] (apoiados em datas de 14C), em relação com o amplo espaço da paisagem.

Em 1998, Susana Lopes refere que “era preciso criar novos “dados” com um novo olhar” [JORGE 2005 (1998):95] após a ruptura com os modelos explicativos tradicionais para os recintos murados. Esta apresentação irá abordar o *contexto com ossos humanos* e a *estrutura das sementes* com o objetivo de discutir *a criação de possibilidades de ver estes sítios com outro olhar* em estreita relação com os dados das análises das Ciências Naturais. Referem-se também os trabalhos académicos que se articulam com as mudanças interpretativas (BAPTISTA 2003; GOMES 2003; OLIVEIRA 2003 & VELHO 2009) assim como a abordagem proposta por McFadyen (no prelo) para o estudo da fragmentação cerâmica em Castelo Velho.

Nos primeiros anos do século XXI (já integrado num projeto de grande escala que visava a musealização do sítio) a escavação de Castelo Velho debruça-se sobre amplas áreas e até 2005 o reduto central e encosta sul são integralmente escavados. A fotografia aérea é sistematicamente publicada a partir de 1998; esta representa não só a monumentalidade do sítio mas também a relação do sítio com a paisagem, sobretudo a sua articulação com o Monte de São Gabriel. Castelo Velho constrói-se assim a partir de 1994 como uma arquitetura monumental, em relação com um amplo espaço visual, no qual foram depositadas coisas excepcionais.



Castelo Velho de Freixo de Numão. Fotografia de Danilo Pavone (JORGE, S.O. 2005 [2003]).

As escavações em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) iniciam-se em 1998 coordenadas por uma equipa: Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e António Sá Coixão; ao longo do tempo outros arqueólogos se juntaram: Leonor Sousa Pereira (2000), Ana Vale (2003), Gonçalo Leite Velho (2007), Bárbara Carvalho e Sérgio Gomes (2008). O diálogo inevitável entre os diversos elementos de coordenação dos trabalhos de campo é acompanhado pelo diálogo com Susana Soares Lopes e com um conjunto de arqueólogos que dedicavam a sua investigação ao sítio de Castelo Velho<sup>4</sup>. O início das escavações em Castanheiro do Vento trazem consigo a experiência de Castelo Velho, estão imbuídas de novos pressupostos teóricos e no terreno avança-se para o estudo de um local monumentalizado do 3º milénio AC.

<sup>4</sup> Destacamos: Lurdes Cunha, Lídia Baptista, Alexandra Vieira, José Varela, Joana Alves Ferreira e Lesley McFayden pois de forma continuada colaboraram tanto nas escavações de Castanheiro do Vento como se envolveram na discussão de um conjunto de problemas partilhados por todos e com os quais se estabeleceram também laços de amizade.

O estudo de Castanheiro do Vento veio acentuar o carácter monumental destes sítios e introduziu-se a nomenclatura “colina monumentalizada”. As fotografias da colina de Castanheiro do Vento, vista de diferentes pontos na paisagem, são sistematicamente publicadas e o território envolvente é também intensamente estudado, sobretudo por João Muralha Cardoso (2007). A fotografia revela-se de extrema importância no estudo de Castanheiro do Vento. Assumindo-se como um dos principais suportes de registo é sistematicamente publicada, seja a fotografia aérea, a fotografia de grandes áreas ou a fotografia de pequenos contextos. A fotografia como meio de expressão, representação do sítio ou de certas expressões teóricas foi já aflorado em Vale (2008) e um estudo que trata fotografia e texto como criadores de espaços ficcionais foi apresentado recentemente (GOMES, n.d.). Castanheiro do Vento foi também palco de residências artísticas. Novos olhares foram convocados. O projeto de Joana Alves-Ferreira (2013) resultou em 20 Polaroids originais (feitas durante a campanha de julho de 2009).

A escavação do sítio processa-se pela abertura de grandes áreas. O objectivo era a definição da planta do sítio. Fala-se de construções em terra crua sobre bases pétreas (o que se regista em escavação). Procura-se a compreensão das técnicas construtivas (sobretudo no trabalho de CARDOSO 2007). O sítio é descrito como um labirinto (JORGE 2006; VALE 2011) de múltiplos percursos possíveis, de interditos, de sombras e rasgões para o exterior. Castanheiro do Vento é entendido como expressão/materialização de processos contínuos de habitar, na linha do antropólogo inglês T. Ingold (2000).

O trabalho em Castanheiro do Vento abarcou também o estudo de deposições e relações ou associações entre materiais (onde as diversas variáveis em discussão – fragmentos cerâmicos, líticos, restos de fauna ou objetos metálicos e estruturas construídas – foram estudadas tentando não proceder a uma hierarquização dos elementos). Questionou-se também a relação entre forma/função dos elementos construídos; e tem-se considerado as “pequenas coisas” como fazedores de espaços ou indicadores/promotores/inibidores de movimentos; em relação com os dispositivos construídos as “pequenas coisas” são também estudadas como “arquitetura” (VALE 2011).

Nunca foram publicadas fases ou momentos de construção e/ou ocupação. As datas de carbono 14 disponíveis foram estudadas de forma a enquadrar o sítio no tempo ou de forma a estudar estruturas específicas. Nunca foram realizados estudos arqueobotânicos. No entanto, os estudos faunísticos, levados a cabo pela arqueóloga Cláudia Costa (e.g. 2007, 2011) têm grande impacto na discussão do sítio (e.g. VALE 2011).



Colina de Castanheiro do Vento vista de quatro pontos distintos na paisagem.

“...it was only a matter of time before fieldwork was no longer seen as separated from interpretation.”

(LUCAS 2012:223).

A interpretação de Castelo Velho de Freixo de Numão e de Castanheiro do Vento, parafraseando Hodder, aconteceu na “ponta do colherim”. O envolvimento sensorial de cada um de nós que escrevemos sobre estes sítios está no próprio discurso. Em Castelo Velho de Freixo de Numão é notória a presença e influência dos estudos conectados com as Arqueociências mas os dados nunca parecem ter sido lidos numa matriz processualista. Em Castanheiro do Vento, sente-se, provavelmente, a falta de números; aqui o discurso é sobretudo acerca de práticas (do presente e do passado). Mas o discurso que se publica sobre Castelo Velho e Castanheiro do Vento não traduz apenas as mudanças interpretativas sobre os sítios, é também pelo qual e com o qual se operam as próprias mudanças.

Atualmente, discute-se a “morte da teoria arqueológica” (BINTLIFF & PEARCE, 2012). Presenciamos, hoje, em Arqueologia, um regresso a estudos mais empiristas que privilegiam os dados vindos de análises químicas, de formas mais precisas de datação ou versões mais rigorosas de tafonomia, lembrando, como sublinhou Thomas (2015), os primeiros dias da Nova Arqueologia. Os dados resultantes de “métodos científicos” são de extrema importância, assim como a ligação da Arqueologia às novas tecnologias (veja-se o caso do arquivo digital de Çatalhöyük, <http://www.catalhoyuk.com>) pois permitem “ver” de forma diferente, no entanto não são apenas dados neutros e “evidentes”; a observação é também interpretação e nesse sentido sempre um exercício reflexivo.

Diferentes estratégias de escavação, diferentes perguntas, diferentes enquadramentos teóricos produzem sítios (visivelmente) diferentes e diferentes arquivos; diferença essa traduzida em Castelo Velho e Castanheiro do Vento, em campo, na extensão das áreas escavadas, no quadriculado (pela presença de elásticos, fios e cavilhas), nas amostras recolhidas, no registo das “pequenas coisas”, na presença da estação total, cadernos de campo, sacos plásticos, papel milimétrico e máquinas fotográficas... *A natureza dos objetos reunidos num sítio irá afetar a natureza da intervenção.* (LUCAS 2012:231). A própria atividade arqueológica, enquanto uma atividade performativa cria, inscreve, altera, intervém na construção de contextos, ou seja de relações (na linha de V. O. Jorge 2006/2007). Os modos de revelação de um sítio arqueológico estão dependentes dos intervenientes, dos objetos e das práticas em campo, mas também em laboratório, em gabinete, na sala de aula, locais onde os sítios arqueológicos se “produzem” e por onde ocorre o processo (tensional) de articulação do “discurso” (arqueológico).

#### BIBLIOGRAFIA

- ALVES-FERREIRA, J. 2013 Instantes da *Espera*. A Polaroid enquanto experiência de *expectativa*. *Al-Madan* online, IIª Série, 18 (1): 11-17.
- BAPTISTA, L., 2003. *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- BINTLIFF, J. & PEARCE, M. (eds.), 2012. *The Death of Archaeological Theory?* Oxford: Oxbow Books.
- CARDOSO, J. M., 2007, *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- COSTA, C. 2007, *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- COSTA, C. 2011 A Gestão do Fogo em Castanheiro do Vento: a possível utilização dos ossos de animal como combustível. *Actas das II Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. (Madrid, 6, 7 y 8 de mayo de

- 2009). Tomo I. Madrid: Libro Portico: 309–315.
- GOMES, S. 2003. *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” do Castelo Velho de Freixo de Numão (VN de Foz Côa). Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- GOMES, S. n.d., “Photography, Writing and Fictionality”. Comunicação apresentada na conferência EAA, University of Glasgow, Scotland, 2-5 setembro, 2015.
- INGOLD, T. 2000. Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world. *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London, Routledge, 172-188.
- JORGE, S. O. 2005 [1994]. “Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico Peninsular.” *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento, 15-88.
- JORGE, S. O. 2005 [1998]. “Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): breve genealogia de uma interpretação.” *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento, 89-110.
- JORGE, S. O. 2005 [2003]. “Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica.” *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento, 169-202.
- JORGE, V. O. with the assistance of CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L. & PEREIRA, L.S., 2006. Cooper Age “monumentalized hills” of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal. In: V.O. JORGE, (ed.) *Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective”*. *Journal of Iberian Archaeology*, 8, special issue. Porto, ADECAP, 203-264.
- JORGE, V. O., CARDOSO, J. M., VALE, A. M., VELHO, G. L., & PEREIRA, L. S., 2006-2007. Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2005. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, I série, Vol. V-VI, 241-277.
- LUCAS, G. 2012. *Understanding the Archaeological Record*. Cambridge, Cambridge University Press.
- McFAYDEN (no prelo) The breakage and post-breakage histories of the pottery at Castelo Velho. In S. OLIVEIRA JORGE (ed.) *Castelo Velho*. Porto.
- OLIVEIRA, M. L., 2003. *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. de Foz Côa)*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- THOMAS, J. 2015. Why “The Death of Archaeological Theory”? In C. Hillerdal & J. Siapkas (eds.) *Debating Archaeological Empiricism: The Ambiguity of Material Evidence*. London, Routledge, 11-31.
- VALE, A.M. 2008. Images from the Iberian Copper Age: the case of the so-called “fortified settlements.” In J. Thomas & V. O. Jorge (ed.) *Archaeology and the Politics of Vision in a Post-Modern Context*. Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 186-208.
- VALE, A.M. 2011 *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- VELHO, G.L. 2009. *Castelo Velho, a Natureza e o Tempo: questões relativas à re-construção de um lugar*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.



# AS POTENCIALIDADES DOS ESTUDOS FAUNÍSTICOS PARA A INVESTIGAÇÃO DOS RECINTOS PENINSULARES DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE: OS CASOS DE CASTANHEIRO DO VENTO E PERDIGÕES

Cláudia Costa  
ICArEHB Universidade do Algarve

## ABSTRACT

Through the presentation of the faunal studies from two enclosures dated to the late Prehistory of Portugal, Castanheiro do Vento and Perdigões, we intend to show how vertebrate taphonomy, studied taking into account the archaeological context of the assemblages, can introduce important data into research on Iberian enclosures.

## KEY WORDS

Zooarchaeology, taphonomy, Perdigões, Castanheiro do Vento.

## Introdução

Uma coleção faunística corresponde aos restos de animais vertebrados e invertebrados que são recuperados nos contextos arqueológicos. Devido à sua natureza, que permite uma preservação mais duradoura, os restos dos animais vertebrados (i.e. ossos e dentes) são mais comuns nos contextos arqueológicos. Após a sua identificação anatómica e taxonómica, poderá obter-se a lista de espécies animais com o qual as comunidades do passado que ocuparam o local interagiram.

A complexidade do comportamento humano permite o estabelecimento de várias relações com o espectro animal que co-habita com o Homem, desde a obtenção de alimento (i.e. consumo de carne e outros produtos animais) até ao compartilhamento do espaço doméstico com animais de companhia. O papel do especialista será pois, através do registo faunístico e sua integração no contexto arqueológico, tentar reconstituir a natureza dessas relações.

Nessa tarefa assume particular importância a avaliação tafonómica.

A tafonomia é um conceito importado da geologia que significa o estudo das leis do enterramento. Passa a ser aplicado aos estudos arqueofaunísticos a partir dos anos sessenta do século XX, a partir do desenvolvimento das correntes teóricas processualistas. Aplica-se à fauna, e aos ecofactos em geral, ao estudo das alterações aplicadas a um determinado organismo após a sua morte. Isso quer dizer que os estudos de tafonomia se aplicam em zooarqueologia à observação de todas e quaisquer marcas de manipulação após a morte do animal, desde a morte e desarticulação da carcaça até à recuperação do contexto arqueológico.

A abordagem tafonómica tem como objetivo o estudo das alterações das superfícies ósseas e dentárias como sejam as marcas de manipulação antrópica, mas também os efeitos das alterações físicas e químicas provocadas pela exposição aos processos naturais próprios do meio ambiente como a meteorização, a diagénese, o transporte fluvial e eólico entre outros, ou a manipulação por outros animais (como carnívoros, roedores, rapinas, etc.). Estas abordagens permitem tirar ilações muito importantes para a reconstituição da biografia dos conjuntos faunísticos começando pela determinação do(s) agente(s) acumulador(s) da coleção em apreço.

A investigação levada a cabo em Castanheiro do Vento e nos Perdigões colocava à partida questões que permitiram a aplicação de abordagens iminentemente tafonómicas às coleções faunísticas recuperadas. Por um lado, Castanheiro do Vento, que revelou uma coleção constituída exclusivamente por restos de animais vertebrados, maioritariamente mamíferos, mas com uma

taxa de determinação muito baixa e um padrão de fragmentação muito elevado. Por outro lado, a coleção proveniente de Perdigões que é constituída também por uma maioria de restos de vertebrados, formada por mamíferos juntamente com aves, répteis, anfíbios e peixes, embora em menor número. Trata-se de uma coleção numerosa, com uma taxa de determinação acima dos 50 % e índices de fragmentação relativamente baixos.

### **Castanheiro do Vento**

Castanheiro do Vento é um recinto murado datado do 3º milénio a.C., localizado no concelho de Vila Nova de Foz Côa, na região do Alto Douro. O recinto é constituído por três muretes concêntricos em xisto interrompidos por passagens e estruturas subcirculares de tipo bastião e um recinto secundário morfologicamente idêntico aos outros. A sequência estratigráfica é composta pelos sedimentos resultantes da alteração dos xistos locais o que resulta numa potência estratigráfica pouco desenvolvida encimada por solos contemporâneos também eles pouco desenvolvidos, sob o qual estão as estruturas e unidades arqueológicas.

O conjunto faunístico recuperado até às últimas campanhas de escavação provém de todas as áreas de escavação, principalmente do interior das estruturas designadas como bastiões. Trata-se de um conjunto caracterizado por uma percentagem muito baixa de restos identificáveis, cerca de 5%, sendo que a maioria dos elementos identificáveis são dentes soltos. Esta circunstância resulta numa lista taxonómica diminuta composta por suínos, equídeos e ovicaprinos cujo total se reporta a dois indivíduos de cada grupo além de bovinos, coelho, veado restos de peixe do género do sável ou savelha e abetarda com restos de apenas um indivíduo cada.

Cerca de 92% dos ossos e dentes tinham dimensões iguais ou inferiores a 20 mm e exibiam um estágio muito avançado de manipulação térmica compatível com calcinação, ou seja com a submissão dos ossos a temperaturas superiores a 700°C (Fig. 1). Os restantes exibiam marcas de exposição térmica a temperaturas inferiores e apenas 7,5% da coleção não se encontrava queimada.

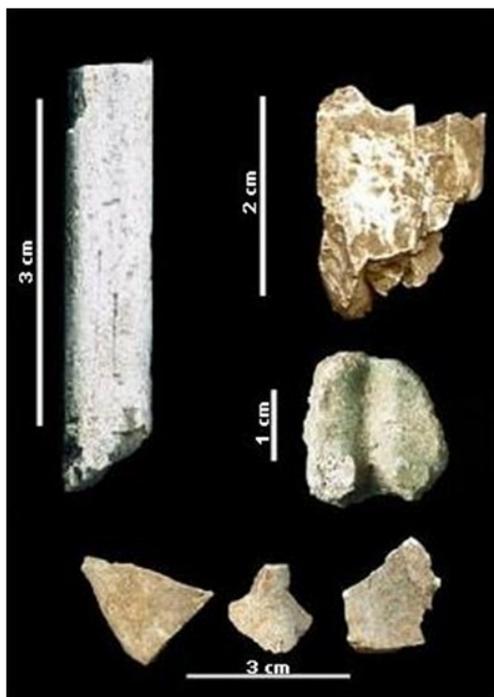


Fig. 1 - Exemplos de ossos calcinados da coleção de Castanheiro do Vento.

Estas características, que se afiguravam incompatíveis com o processamento da carne para consumo humano ou com fogos naturais ou acidentais pois nenhuma destas atividades provocava a calcinação dos restos, foram interpretadas como consequência da utilização dos ossos dos animais como combustível em ações específicas de fogos que necessitassem de uma chama duradoura (COSTA 2015). O conjunto faunístico de Castanheiro do Vento é assim o resultado final de uma cadeia operatória de utilização dos restos de animais vertebrados como combustível em atividades com fogo, que terá sido bastante afectada pelos processos de sedimentação lenta e erosão eólica. Assim se explica a elevada percentagem de restos calcinados muito fragmentados e abradidos e dispersos por todo o sítio arqueológico.

### **Perdigões**

Os Perdigões são um complexo de fossos localizado em Reguengos e Monsaraz no Alentejo. Os trabalhos de geofísica realizados permitiram identificar treze fossos concêntricos e milhares de fossas, todos escavados no substrato rochoso (MÁRQUEZ ROMERO *et al* 2011). As intervenções arqueológicas têm sido realizadas nalguns sectores do sítio tendo sido até ao momento intervenções alguns troços de vários fossos com enchimentos variados que terão ocorrido entre o Neolítico Final e o Calcolítico.

A coleção faunística conhecida até ao momento é numerosa e provém maioritariamente do interior dos troços de fossos intervenções até ao momento. Reporta-se na sua maioria a mamíferos, mas a coleção de aves é também significativa. Encontram-se também, embora com menor frequência, restos de répteis, anfíbios e peixes. Os invertebrados estão, até ao estado atual dos nossos conhecimentos, representados exclusivamente por moluscos marinhos, terrestres e fluviais. Os mamíferos melhor representados são os suínos, maioritários em todos os contextos, mas também as ovelhas e cabras, os bovinos, domésticos e selvagens, veados, equídeos, coelhos, lebres, carnívoros, como cão, raposa, lince, entre outros. As aves fazem-se representar por perdizes, corvos, tordos, corujas das torres, bútio, águias, entre outros, todos em diferentes representatividades e em diferentes contextos.

Num sítio como os Perdigões caracterizado exclusivamente por contextos negativos a natureza antrópica dos contextos parecia indiscutível, contudo revestia-se de enorme relevância o entendimento dos mecanismos de preenchimento dos fossos e outras estruturas negativas. Sendo a fauna, nomeadamente os ossos devido à sua componente orgânica, permeáveis às alterações de carácter pós-deposicional, as marcas de raízes, de meteorização, de precipitação de óxidos e carbonatos, de dissolução química, foram minuciosamente observados e avaliadas.

O estudo da frequência destas alterações em articulação com a análise da dispersão vertical dentro das estruturas, permitiu perceber o carácter primário das acumulações faunísticas, compatíveis com um enterramento rápido dos restos, inviabilizando a acessibilidade dos elementos a animais comensais (i.e. roedores e carnívoros) ou às alterações físicas provocadas pela exposição aos agentes ambientais, ou mesmo processos de transporte natural, tendo-se encontrado inclusive algumas articulações *in situ*. Permitiu também perceber que o enchimento dos fossos 3 e 4 (datados do período calcolítico) terá ocorrido de uma forma gradual ou por fases, com alguns períodos de paragem, o suficiente para a instalação dos processos diagenéticos e desenvolvimento de perfis de solo. Esta hipótese parece viável pois algumas das interrupções verificadas no processo de enchimento destes fossos correspondem a níveis de deposição estruturada, onde aliás participam elementos faunísticos com características tafonómicas diferentes às dos restantes restos faunísticos (como por exemplo a deposição estruturada onde participa um osso de cavalo com elevados níveis de meteorização no fosso 4, COSTA 2010).



Fig. 2. Exemplos de ossos da coleção de Perdigões (Úmeros, vista anterior).

### **Considerações finais**

Em ambos os casos apresentados a simples apresentação de uma listagem taxonómica e elaboração de um quadro de gestão económica de recursos animais selvagens e domésticos seria bastante redutor. No caso de Castanheiro do Vento esta estratégia valorizaria apenas 5% da coleção onde seria passível a identificação anatomo-taxonómica, desvalorizando a principal característica do conjunto: a elevada calcinação e fragmentação dos restos. Em Perdigões, pelo contrário, uma vasta parte da coleção seria valorizada, mas o entendimento da natureza das diferentes coleções estaria reduzido à descrição de acumulação de desperdícios de animais.

Os exemplos aqui apresentados são exemplos de estudos de materiais faunísticos levados a cabo valorizando o contexto arqueológico de proveniência, procedendo à articulação com as informações contextuais, e utilização destas no estudo da fauna propriamente dito permitindo-nos estabelecer a natureza das acumulações faunísticas e inferir o comportamento humano que está por detrás do abandono das acumulações faunísticas.

### **BIBLIOGRAFIA**

- COSTA, C 2010. Problemática do enchimento dos Fossos 3 e 4 (sector I) dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) com base da análise estratigráfica dos restos faunísticos, BETTENCOURT, A. M. S., ALVES, M. I. C. e MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.), *Variações Paleambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular/Palaeoenvironmental Changes and Anthropization in the Quaternary of Western Iberia*, Braga: 113-124.
- COSTA, C. 2015. The Use of Animal Bone as Fuel in the Third Millennium BC Walled Enclosure of Castanheiro do Vento (Northern Portugal). *Int. J. Osteoarchaeol.*, doi: 10.1002/oa.2502
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E., VALERA, A. C., BECKER, H., JIMENEZ JAIMÉZ, V., SUÁREZ PADILLA, J. 2011. El Complejo Arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Prospecciones Geofísicas - Campañas 2008-09, Trabajos de Prehistoria*, 68, 1: 175-186.
- VALERA, A. C., SILVA, A. M., MÁRQUEZ ROMERO, J. E. 2014. The temporality of Perdigões enclosure: absolute chronology of the structures and social practices, *SPAL*, 23: 11-26.

# PARADIGMAS, MÉTODOS E CONTEXTOS NO ESTUDO DO RECINTO-MONUMENTO CRASTO DE PALHEIROS (NORTE DE PORTUGAL) DURANTE O III MIL. AC

Maria de Jesus Sanches

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CITCEM, mjsanches77@gmail.com

## ABSTRACT

This paper is based on the study of the archaeological record and the samples collected in the enclosure-monument of Crasto de Palheiros and discusses the interpretative possibilities of: a. the use of different areas of the site in which samples of macro-remains and faunal remains were sampled; b. the intentional sealing of contexts and depositions related to food and/or socially restricted meals.

The fact that in this Mediterranean ecosystem cattle represent a major social investment in their maintenance, their slaughter and consumption, must be connected to the social obligations of the communities that relate their identity to Crasto (i.e. as their regional political and social centre) is considered.

## KEY WORDS

Chalcolithic; Enclosure-Monument; consumed fauna; macro-remains; architectonic intentional closure.

## 1. INTRODUÇÃO

Na escavação do recinto-monumento Crasto de Palheiros (Murça-Vila Real), que se iniciou em 1995, foram tomadas várias opções metodológicas onde se procuraram conjugar os objectivos da futura musealização (solicitada pelo município de Murça), com a compreensão da sua "criação e uso" durante o tempo de vigência deste sítio (Sanches 2008). Estratigrafias, artefactos e datas absolutas mostraram que a ocupação se estendeu no tempo, indo desde o início do III mil. AC ao séc. II AD, com interrupção entre o início do II e o início do I milénio AC. Porém, nesta exposição desenvolveremos somente a ocupação situada no III mil. AC pois é aquela que é responsável pela criação, desenvolvimento e condenação intencional do recinto calcolítico (Fig. 1).



Fig. 1- Simulação, em desenho esquemático livre, do recinto-monumento Crasto na "fase construtiva" I. São visíveis os Recintos (superior e inferior) rodeados de muralhas (de terra ?), desenvolvendo-se estas no topo de monumentais taludes pétreos. Marcam-se ainda, com "cabanas", as áreas cuja escavação denunciou a existência de estruturas habitacionais (Desenho de Dulcineia Pinto).

## 2. OS PARADIGMAS E OS QUESTIONÁRIOS

Se os arqueólogos estudam obrigatoriamente a “história dos sítios arqueológicos”, qualquer que aquela tenha sido, i.e., não ignorando, ou tratando com menor empenho “o período em que são especialistas”, no caso do Crasto de Palheiros, o questionamento prévio já se inscrevia na procura de um melhor conhecimento das características do povoamento regional do IV e III milénios AC.

A pergunta-chave era: quais as razões de ter havido um investimento arquitectónico tão desmesurado num monumento que aparentava datar do IIIº mil. AC., quando a prospecção arqueológica da região mostrava somente povoados com estruturas habitacionais precárias (Sanches 1997; *Idem* 2000) e, naturalmente, a grande concentração de abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos que se situa no horizonte imediato do Crasto de Palheiros?

A prospecção regional, realizada também nas décadas seguintes, continuou a mostrar que se trata de um sítio sem paralelo à escala regional<sup>1</sup> pelo que a articulação necessária com o povoamento da área da bacia do médio Tua (e a continuação do estudo desse mesmo povoamento pré-histórico regional) se afigurou sempre como um método necessário à sua compreensão.

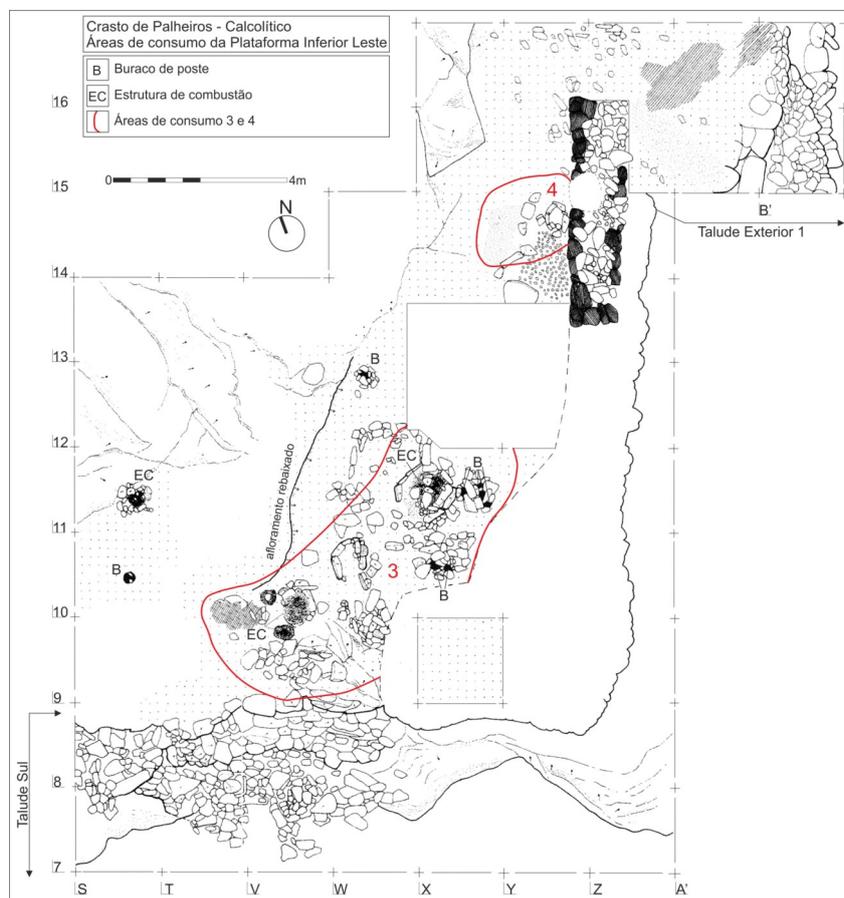


Fig. 2- Áreas de consumo 3 e 4 no Recinto inferior: Plataforma inferior leste, correspondendo à fase construtiva desta plataforma e simulada no desenho da Fig. 1.

No estudo do sítio pela escavação, embora não houvesse qualquer pressuposto específico, a problemática da criação e uso dos recintos, desenvolvida sobretudo na bibliografia anglo-saxónica (BRADLEY 1993) (mas também francesa, belga e alemã), e repensada para a interpretação dos “castros calcolíticos da Península Ibérica” por Susana Jorge em 1994 (JORGE 1994), alertava desde

<sup>1</sup> A Norte do rio Douro pois afinal tanto o Castanheiro do Vento como o Castelo Velho, em Vila Nova de Foz Côa, só distam do Crasto 80 Km em linha recta.

logo para a grande variabilidade destes locais, destacando-se também uma certa multifuncionalidade, mais difícil de caracterizar em cada caso. Opunha-se esta abertura a novas interpretações àquelas visões mais tradicionais que colocavam a tónica numa funcionalidade dominante (e até, por vezes, única) das muralhas: a defesa.

Nessa medida, e dentro das possibilidades técnicas de que então dispúnhamos<sup>2</sup>, adequamos os métodos aos questionários prévios. Naqueles, além da realização de escavação em áreas alargadas (pois sondagens limitadas não revelam o desenvolvimento das arquitecturas), da observação e registo cuidadoso de diferentes plantas e cortes (Fig. 4), procedeu-se à recolha sistemática de amostras de macrorrestos e à crivagem, com crivo de malha fina, de todos os sedimentos susceptíveis de conterem restos de fauna (e de outros restos). Este material, devidamente contextualizado, permitiria (a par de outras recolhas) equacionar os diferentes tipos de usos do conjunto das diversas áreas do Crasto.

A questão do “ritual” e do “doméstico”, como paradigma que percorria a bibliografia arqueológica (BRADLEY 2005), esteve sempre presente a montante e jusante da recolha e análise da documentação, embora, como sabemos, não é possível, nem sequer útil na maioria dos casos, enveredar por explicações que colocam a tónica em tais dicotomias, ausentes, por certo, das comunidades pré-históricas. É assim mais adequado perguntar pela “especificidade de usos” e, enquadrados tanto pela Antropologia como pela Arqueologia, testar as hipóteses que os documentos recolhidos no campo nos fornecem.



Fig. 3- ETS: Estrutura Terminal subcircular, uma estrutura de encerramento/condenação intencional, similar a um “*tumulus*” e localizada no Recinto superior: Plataforma superior Norte.

### 3. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Esta comunicação aborda a criação e utilização dos diferentes espaços do Crasto de Palheiros —situados no Recinto superior, no inferior e respectivos taludes monumentais (e muralhas) que arquitectonicamente os suportam (Fig. 2)—dando ênfase aos resultados obtidos através da identificação das madeiras carbonizadas, das sementes e frutos (FIGUEIRAL & SANCHES 2003; FIGUEIRAL 2008), e ainda aos resultados do estudo da arqueofauna (CARDOSO 2005).

Apesar da ausência de estudos tafonómicos às faunas, é possível discutir o desmanche de animais dentro do sítio, o consumo de animais domésticos —cabra/ovelha, boi doméstico e, vestigial-

<sup>2</sup> Por exemplo, a falta de uma estação total ( ou de um teodolito), que só pudemos adquirir em 2001, impediu que, num sítio com tantos desníveis topográficos, pudéssemos obter um registo correlacionado de todos achados e estruturas.

mente, porco/javali—, as práticas culinárias, “cozinhados”, ou modos de consumo, onde entram também os cereais— trigo, cevada, milho miúdo— e leguminosas— fava e ervilha (Figueiral et al 2006), em contextos de estadia rotineira de pequenos grupos nalgumas áreas do Crasto (Fig. 2); noutras o consumo de carne está ausente.

Por outro lado, a deposição intencional de restos ósseos em áreas/estratos arqueológicos que não apresentam vestígios directos de consumo, é também evidenciada, o que por certo remete para a valorização desses animais (e em particular do boi) no âmbito da mundividência/cosmologia destas comunidades agro-pastoris .

Dado o carácter que os contextos de encerramento intencional apresentam no Crasto, será apresentada uma área situada na Plataforma superior Norte —Recinto superior—(Figs.1, 3 e 4) onde foi construído uma espécie de “tumulus baixo” ou empedrado de configuração subcircular, identificado nas publicações como ETS (Empedrado Terminal Subcircular), e que se encontrava intacto no momento da escavação (encontra-se escavado de modo incompleto). Neste contexto (UE ou Lx. [33]) a deposição de alguns ossos de animais faz-se acompanhar de restos de instrumentos líticos (lascas, percutores e moínhos), e de cerâmica campaniforme muito fragmentada, remetendo, cremos, para a criação de memórias sociais relacionadas com a preparação e consumo de refeições de acesso social restrito e cujos “restos” são aqui selados, como memória, num local extremamente exposto/dominante sobre o exterior (a região circundante).

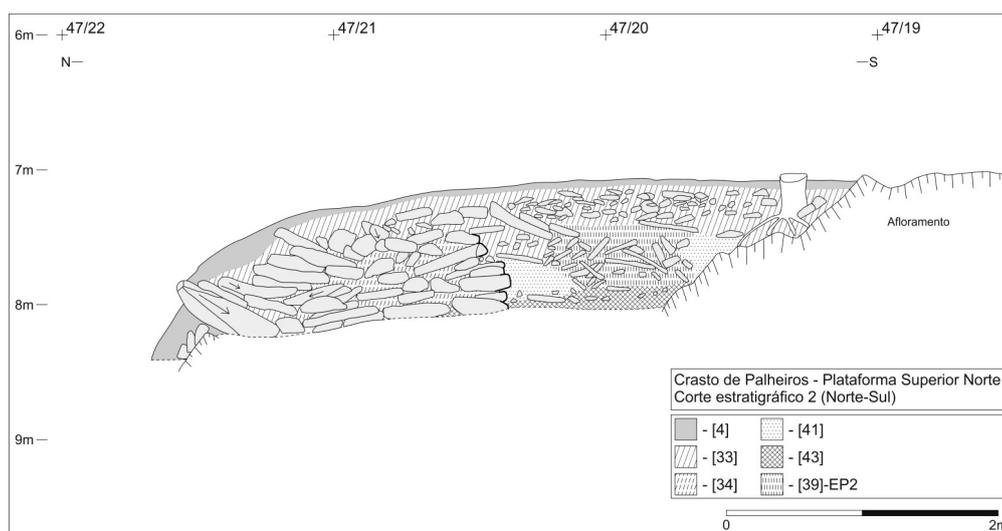


Fig. 4- Corte estratigráfico N-S da ETS (Estrutura Terminal subcircular), identificada na Fig.3. As unidades [33] / [34] e [4] correspondem ao encerramento/condenação intencional, integrando uma estrutura [39]- Estrutura Pétrea 2—também sucessivamente condenada.

Por fim, as condições do ecossistema na periferia do Crasto serão também objecto de comentário já que se procura entender a “proveniência” dos alimentos (vegetais e animais), e em particular do boi. Interpreta-se a sua presença no recinto monumental como decorrente da oferta/obrigação por parte das comunidades regionais para quem o Crasto constitui um local de “investimentos” sociais e políticos de vária ordem e de cujas práticas e significados tais comunidades dependem para se manterem como tal.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Rafael Morais a elaboração e tratamento das imagens

#### BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, R. 1993. *Altering the Earth. The Origins of Monuments in Britain and Continental Europe*. Edimburg: Society of Antiquaries of Scotland.
- BRADLEY, R. 2005. *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe*. London and New York: Routledge.
- CARDOSO, J. L. 2005. Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro do Nordeste português. *Portugalia*, XXVI (nova serie), pp. 65-75.
- Figueiral, I. (2008). Crasto de Palheiros (Murça, NE de Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o III/inícios do II milénio AC e entre o I milénio e o séc. II DC. In M. J. Sanches, *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal* (pp. 79-108). Murça: Municipio de Murça.
- FIGUEIRAL, I., & SANCHES, M. J. 2003. Eastern Trás-os-Montes (NE Portugal) from the late Prehistory to the Iron Age: the land and the people. In E. F. (Ed.), *The Mediterranean World Environment and History* (pp. 315-329). Paris: Elsevier.
- FIGUEIRAL, I., SANCHES, M. J., & CARDOSO, J. L. 2006. *Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a case study on diet and material culture, from the 3rd to the 1st millennium BC/ Actas do Congresso The Archaeology of Food: culture and identity. Archaeological Institute of America (AIA) annual meeting, 5-8 de Janeiro, Montréal, Quebec (Canadá) (in press)*. Retrieved 2016, from <http://crastopalheiros.no.sapo.pt/artigos.htm>
- JORGE, S. O. 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*, IIªserie, XI, pp. 447-546.
- SANCHES, M. J. 2000. As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (V-II mil. AC). Uma primeira aproximação ao problema. *Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular*. 4, pp. 123-145. Porto: ADECAP.
- SANCHES, M. J. 2008. *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça -Porugal*. Murça: Municipio de Murça.
- SANCHES, M. J. 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vol. I e II)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.



# DA HOMOGENEIDADE ARQUITECTÓNICA À VARIABILIDADE CONSTRUTIVA: A ARQUEOLOGIA DA ARQUITECTURA

João Muralha Cardoso

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, (CEAACP), Universidade de Coimbra. Bolseiro de pós-doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia (FCT)

## ABSTRACT

This article reflects on the archaeological site of Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), which dates from the 3rd millennium BC, focusing particularly on the building materials used, on the process of creating a building morphology, and the way this affects the concept of architecture. The analysis is based on all the structures excavated during the archaeological intervention and identifies variations within an apparent architectural homogeneity.

## KEY WORDS

Building materials, morphology of buildings, the archaeology of architecture.

## 1.

Um dos grandes objectivos deste Encontro, como referem os seus organizadores, passa por questionar as relações entre as linhas interpretativas tecidas para os recintos da pré-história recente e o conjunto de técnicas e métodos que cada investigador ou projecto de investigação emprega.

Para tentarmos atingir este objectivo, partimos do exemplo de Castanheiro do Vento e do trabalho de campo desenvolvido neste sítio desde a pequena campanha arqueológica de 1998.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, Guarda) é um sítio arqueológico datado do 3º milénio e primeira metade do 2º milénio a.C. Este sítio implanta-se num monte de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. As escavações arqueológicas têm incidido no topo do morro, tendo sido posto a descoberto um interessante e imponente discurso arquitectónico que ocupa uma área de cerca de 8000m<sup>2</sup> (CARDOSO 2010 e VALE 2012).

Foi através da escavação deste discurso arquitectónico que se delineou um tipo de abordagem metodológica específica para o estudo de todas as estruturas componentes dessa arquitectura. Esse estudo foi o ponto de partida para a tentativa de obtenção de novos/diferentes dados que nos permitissem reflectir e ensaiar diferentes interpretações, porventura enquadradas em modelos explicativos dissemelhantes daqueles que vigoravam e ainda vigoram para este tipo de sítios.

## 2.

De uma forma bastante resumida, o objectivo central deste estudo consistia na sistematização e análise de todos os elementos estruturais componentes de Castanheiro do Vento, na tentativa de percebermos as técnicas de configuração do sítio e do seu gesto técnico. Para isso, necessitamos de seriar e descontextualizar todas as estruturas encontradas. O propósito desta descontextualização relacionava-se à procura do desenho construtivo e aos materiais componentes da arquitectura. Neste processo procuramos detectar todos os materiais que conformaram o sítio e em seguida analisámos o discurso arquitectónico na procura de rupturas construtivas, de linearidades, de uma modulação estrutural.

A metodologia empregue na análise das estruturas baseou-se desta forma, numa primeira fase no trabalho desenvolvido no campo. Posteriormente a análise e reflexão produzida através da documentação gráfica e fotográfica, permitiu-nos elaborar um conjunto de descritores que sistematizaram todos os dados que recolhemos das estruturas detectadas em Castanheiro do Vento.

Cada elemento componente da elaboração do sítio foi objecto de introdução numa base de dados de estruturas, (inserida na base geral de sistematização da informação arqueológica à qual se deu o nome de “Castanheiros” (CARDOSO 2010). Esta base permitiu reunir a informação acerca dos materiais utilizados, dimensão média dos elementos construtivos, forma e dimensão das estruturas, entre outros itens. Permitiu em última análise a seriação da informação de modo a produzirmos reflexões sobre as estruturas e a descontextualização desses dados permitiu a elaboração de uma tipologia estrutural. Neste último processo recorremos a técnicas muito simples de análise estatística.

Desta forma a metodologia empregue na análise das estruturas obedeceu ao seguinte escalonamento de seriação:

A - Divisão da planta do sítio em cinco grandes áreas estruturais; o murete 1 (M1), o recinto secundário (RS), a segunda linha de murete (M2), a terceira linha de murete (M3) e a grande estrutura circular localizada no topo norte do sítio (TP).

Esta divisão era necessária para descermos de uma visão panorâmica do sítio para uma visão circunscrita que nos permitisse ainda mais pormenorizarmos as estruturas

B - Divisão das estruturas do sítio entre troços de murete, bastiões e passagens. Esta segmentação obedeceu, sempre que foi possível e visível no terreno, às características construtivas detectadas em trabalho de campo e posteriormente registadas em desenho. Pretendia-se identificar desta forma o desenho construtivo, que por sua vez funcionou como área de descrição e análise detalhada.

Este segundo ponto obedeceu a um conjunto de critérios que foram utilizados para definir estas subdivisões. O primeiro critério prende-se com a existência de rupturas arquitectónicas no design construtivo, como por exemplo as passagens. Outro critério pretendia a identificação da totalidade das estruturas, ou seja, tentava-se perceber se existiria algum gesto técnico delimitativo quer na construção do murete, quer nos bastiões. Quando existia uma continuidade estrutural, optou-se por considerar o início de uma estrutura, como por exemplo os “bastiões”, no ponto em que a linearidade do murete era interrompida. Esta excessiva descontextualização era importante ser feita para permitir uma seriação e análise pormenorizada. Foram caracterizados os elementos constituintes das estruturas e as suas medidas modais, os acabamentos e medidas do troço analisado, o que permitiu neste último caso a aplicação da estatística; média, desvio padrão e coeficiente de variabilidade.

C - Descrição e análise de todos os outros elementos componentes do sítio; estruturas circulares, estruturas circulares geminadas, micro estruturas, lareiras, fossas, estruturas de colmatação/oclusão, sistema de contrafortagem e “marcadores espaciais”.

### **3.**

Após todo o trabalho de análise das estruturas componentes do sítio podemos elaborar um conjunto de considerações / sugestões que contribuíram para a construção de uma tipologia de estruturas (CARDOSO 2010). A metodologia de análise foi toda criada de raiz, pois a literatura arqueológica não refere estudos deste tipo. As estruturas são geralmente descritas e interpretadas, mas a sua sistematização a nível de variáveis como os materiais componentes da sua configuração, as dimensões dos seus elementos pétreos, o tipo de acabamento e mesmo o conjunto de variáveis numéricas que propusemos, não existe. A sistematização morfológica do trabalho efectuado é por conseguinte uma primeira abordagem ao tema que poderá e deverá ser melhorada.

#### 4.

Todo este trabalho de seriação dos elementos constitutivos do sítio arqueológico, parte como já vimos, de uma análise parcelar descontextualizada. No entanto permitiu-nos sistematizar os materiais componentes da sua estruturação e a descrição das técnicas de configuração do sítio arqueológico. Os materiais utilizados repartem-se pelos elementos pétreos (xisto, granito, quartzo, quartzito) e a terra. A separação que agora fazemos entre pedra e terra é meramente utilizada enquanto opção de método para uma descrição e análise das técnicas de configuração do sítio. Uma não existe sem a outra, e as duas não existem sem a água e a madeira, quer seja em troncos de árvores, quer em ramos arbóreos e/ou arbustivos. As técnicas de configuração de Castanheiro do Vento incluem todos estes materiais num processo de interligação, de coexistência, moldando continuamente o sítio. O estudo sistemático dos contextos identificados em campo, não só ao nível estrutural e artefactual, mas também ao nível das questões colocadas pelo arqueólogo que escava e estuda o sítio, irá fazer com o processo de contextualização comece.

Estes elementos constituintes e configuradores do sítio têm de ser considerados num âmbito mais alargado do que simples materiais, que unidos de determinada forma, produziram aquele local específico. A pedra, a argila, a madeira, a água são artefactos, como os fragmentos cerâmicos e materiais líticos, igualmente usados na acção configurativa do local e as próprias estruturas que ao existirem em determinado ponto da estação arqueológica, também a configuram, a moldam, num diálogo intensivo, constitutivo de uma vivência comunitária, à escala de um território povoado por comunidades em permanente mobilidade, negociação, estruturação (CARDOSO 2014). Inicia-se agora um processo mais explícito de interpretação do sítio.

#### 5.

Que quadros interpretativos podemos agora seguir? Que observações podemos fazer? Poderemos limitarmo-nos a seguir quadros teóricos-interpretativos vigentes enquadrando as nossas observações ou poderemos continuar a colocar hipóteses interpretativas tendo em consideração a abordagem metodológica aqui enunciada? O importante é continuar no sítio, mas contemplando vectores problematizantes e considerando-o nas suas diversas especificidades e diversidades.

Se aceitarmos que a estruturação de um sítio arqueológico como Castanheiro do Vento nunca terá sido um projecto terminado, mas sempre um processo de configuração, teremos que atentar a três aspectos interligados e específicos desse processo: os conceitos de “técnicas de configuração” e “habilidade técnica” não como sinónimos de técnicas de construção mas sim como noções que operam dentro de uma matriz social e relacional e o conceito de “tecer” como paradigma de todo o fazer (CARDOSO 2010, JORGE 2006, INGOLD 2000 e HEIDEGGER 1997). As reflexões produzidas e reflectidas para o sítio, tendo sempre em conta as observações efectuadas nos pontos anteriores, remetem-nos para a existência de um ritmo construtivo e modular dentro de uma aparente homogeneidade. Aparente apenas porque a variabilidade existe, não só através da grande diversidade estrutural, como através de um conjunto de pormenores elaborativos do sítio. Este confronto entre homogeneidade e variabilidade produz arquitectura, produz a arquitectura de Castanheiro do Vento.

Questionamos agora:

Como olhar para esta arquitectura?

Deveremos “olhar” a arquitectura de Castanheiro do Vento como um processo fluído de habitar um espaço, um processo entretido de acções complexas entre esse espaço, as suas disponibilidades, as suas condições, a sua topografia e os próprios agentes humanos. Este discurso arquitectónico é gerado através do envolvimento prático com o ambiente e funciona através de uma rede complexa de acções. São elaboradas estruturas e lugares ao mesmo tempo que são criados ritmos temporais de socialização.

De que forma é que este conceito de arquitectura, afecta o nosso olhar, ou melhor, a nossa interpretação sobre Castanheiro do Vento?

Afecta no sentido em que não consideramos uma definição normativa de arquitectura, mas sim uma definição mais orgânica, mais acumulativa que envolve um conjunto de pessoas inseridas e imbuídas no seu mundo, onde o acto de “construir” é um acto de habitar. Afecta no sentido em que todas as acções que conseguimos detectar durante a escavação do sítio, se tornam arquitectura.

A acção humana acontece na paisagem (mundo) e processa-se em nódulos, em redes, em emaranhados heterogéneos de interacções constantes com essa paisagem onde ser humano, matéria e acção formam uma continuidade, constituem uma unidade.

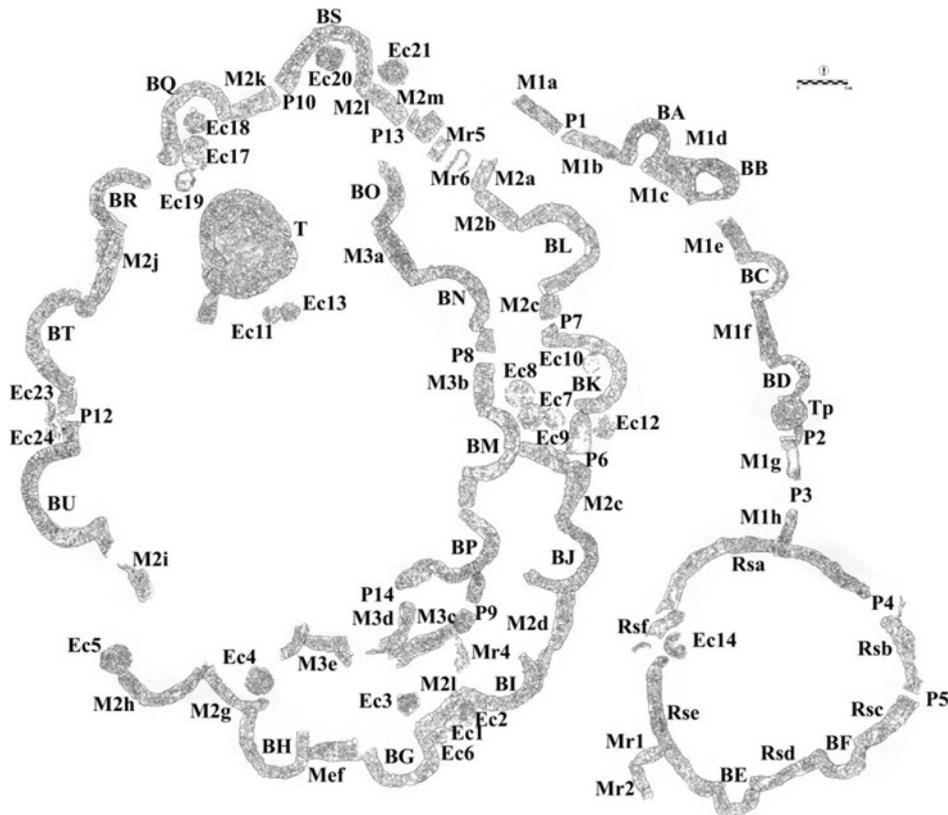


Fig. 1. Planta de Castanheiro do Vento com as subdivisões das linhas estruturais assinaladas.

ID	Sigla	Elementos constitutivos	Medida modal	Acabamento	Lajes	L. troço
16	M1a	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado/Não facetado	Não	1,4 m
68	M1b	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado/Não facetado	Não	1,4 m
69	M1d	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado/Não facetado	Não	2 m
70	M1c	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado	Não	1,2 m
71	M1e	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado	Não	1,15 m
72	M1f	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado	Não	1,2 m
73	M1g	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado	Não	1,3 m
74	M1h	Xisto /Terra	Entre 201 e 400 mm	Facetado/Não facetado	Não	1,2 m

Média 1,36  
 Desvio padrão 0,28  
 Coef. Variabilidade 20,6%

Fig. 2. Exemplo de análise feita. Neste caso aos troços reconhecidos no Murete 1.



Fig. 3. Pormenor de um tipo de sistema de contrafortagem. Utilização de materiais pétreos, terra e água para a elaboração desta estrutura.

### Bibliografia

- CARDOSO, JOÃO MURALHA (2010), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Vessants Arqueologia i Cultura.
- CARDOSO, JOÃO MURALHA (2014), "Das Técnicas de Construção à Arquitectura: algumas notas" in *al madan online*, II série, n.º19 (tomo 1), Almada, Centro de Arqueologia de Almada: 6-24.
- HEIDEGGER, MARTIN, (1997), "Building, Dwelling, Thinking", *Rethinking Architecture, A reader in cultural theory*, edited by Neil Leach, London and New York, Routledge: 100-108.
- INGOLD, TIM (2000), *The Perception of the Environment, Essays in livelihood, dwelling and skill*, Londres, Routledge.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, (2006), "Breve reflexão sobre alguns Problemas das Arquitecturas Pré-históricas", *Actas da 10ª Mesa-Redonda da Primavera, TERRA: Forma de Construir Arquitectura-Antropologia-Arqueologia*, Lisboa, Vila Nova de Cerveira, Argumentum, Escola Superior Galaecia: 106-111.
- VALE, ANA MARGARIDA (2012), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.



# CASTRO DA COLUMBEIRA: HISTÓRIA DOS TRABALHOS E ÚLTIMOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Cláudia Manso (Museu Municipal do Bombarral), Eliana Goufa (ICArHEB, Universidade do Algarve) & Francisco Rosa Correia (Universidade do Algarve)

## ABSTRACT

Discovered in the beginning of the XXth century and intensively explored almost a century afterwards, 'Castro da Columbeira' still offers unpublished information on the Chalcolithic of the Portuguese Estremadura. Belonging to a group of local archaeological sites that benefited from the impulse of amateur archaeology, it is considered a central element in the heritage policy of the municipality of Bombarral. A project was drawn to turn the site into a museum and simultaneously protocols have allowed young researchers at the Department of Archaeology in the University of Algarve have been allowed access to archaeological materials. The preliminary data concerning both the lithic assemblage and the faunal remains studies are presented.

## KEY WORDS

Past interventions, lithic analysis, faunal data

O Castro da Columbeira terá sido descoberto por José Leite Vasconcellos na primeira década do século XX. Em 1963, o grupo amador liderado por Jorge Almeida Monteiro acompanharia Octávio Veiga Ferreira na realocização da estação, tendo sido realizada uma sondagem no interior da primeira linha de muralhas. A primeira planta da fortificação foi elaborada em 1969 por colaboração da equipa do Instituto Arqueológico Alemão.

Em 1992 iniciava-se o "Projeto Arqueológico do Bombarral" dirigido por João Ludgero Gonçalves, sucedendo-se as campanhas de 1994, 1995, 1996, 1997, 1998 e 1999. A completude do registo arqueográfico limitou-se às duas primeiras campanhas arqueológicas.

A Câmara Municipal do Bombarral adjudicou, em 2004, os serviços de Conservação e Restauro e registo gráfico do seu recinto central enquanto medidas preventivas propostas no âmbito da elaboração do Plano de Pormenor, Salvaguarda e Valorização da Zona Envolvente às Estações Arqueológicas da Columbeira (PPZEAC), tendo-se então completado a limpeza integral das estruturas arqueológicas. O registo arqueográfico do recinto central, por ora parcial, seria encetado já em 2010, no decurso de trabalhos arqueológicos de emergência que também previram a sondagem da banqueta Norte-Sul localizada no setor I (*Corte 1*).

A deterioração do estado de conservação do Castro da Columbeira, com evidente risco de perda de informação arqueológica, justificaria a retoma dos trabalhos em 2015, desta feita no setor VI (*Corte 6*), sobre derrubes resultantes de escavações anteriores a 1999, tendo-se reavaliado a estratigrafia do arqueossítio. A intervenção está a ter continuidade no que concerne o levantamento gráfico do sítio arqueológico.

Tal deve-se à política de gestão cultural do património arqueológico seguida pelo município do Bombarral que se centra na recuperação do Castro da Columbeira enquanto ponto de partida para a divulgação do restante conjunto de arqueossítios junto do grande público.

Neste sentido, também a cedência dos materiais arqueológicos tem sido simultaneamente protocolada com jovens investigadores do Departamento de Arqueologia da Universidade do Algarve, disponibilizando-se por ora apenas os dados preliminares relativos ao estudo dos materiais líticos e dos restos faunísticos.

A indústria lítica do Castro da Columbeira consiste essencialmente na pedra talhada, onde o sílex, de obtenção extra-regional, é a matéria-prima predominante. O quartzo e o quartzito, matérias-primas locais, apresentam uma percentagem bastante residual. Neste conjunto lítico foi identificada uma pequena amostra de pedra polida, bem conservada, em que o anfíbolito é a matéria-prima predominante.

A análise tecno-tipológica que tem vindo a ser desenvolvida quanto à pedra lascada do presente conjunto, permitirá investigar as estratégias de exploração de matérias-primas e as respetivas cadeiras operatórias, assim como, por meio de deduções comparativas com contextos já estudados e através de dados fornecidos pela arqueologia experimental, reconhecer os métodos e técnicas de debitação empregues. Pretende-se proceder à classificação tipológica dos utensílios retocados e, se possível, realizar a sua análise traceológica. Por fim, efetuar-se-á um ensaio comparativo e de integração do talhe da pedra no Calcolítico Estremenho, tentando compreender as estratégias de exploração do sílex.

Numa análise ainda preliminar, é evidente a clara opção do sílex para a debitação das lascas como suporte em bruto, e a obtenção de lâminas enquanto suportes de utensílagens. As pontas de seta são a tipologia que prevalece no total do conjunto de utensílios retocados.

Quanto à pedra polida, proceder-se-á à análise dos atributos destas peças numa fase inicial, sendo à partida evidente um interesse na utilização de matérias-primas duras (ex. anfíbolito) na produção de ferramentas resistentes.

Por sua vez, o estudo faunístico dos materiais recolhidos no Castro da Columbeira reporta-se a mais de uma dezena de milhares de restos sendo que, à data, 20 exemplares são utensílios em osso (análise em decurso).

Integrado no estudo alargado do Calcolítico Estremenho, o reconhecimento das estratégias de exploração dos recursos animais no *Castro da Columbeira* implica abordar algumas questões genéricas e fundamentais. Em primeiro lugar, saber em que recursos faunísticos se baseia a dieta alimentar desta população. Tal significa estimar o que os habitantes comiam e que recursos teriam mais peso e/ou importância na sua dieta alimentar. Em segundo lugar, determinar se haveria uma especialização na gestão da exploração do gado e, caso a mesma se confirme, analisar de que modo se processaria essa exploração. Os habitantes poderiam ter tido como objetivo a gestão de algumas espécies em particular e/ou a gestão por categoria de idades, como o objetivo de produzir determinados recursos primários e/ou secundários. Em terceiro lugar, avaliar o modo como seriam processados os recursos bem como se os modos de confeccionar seriam distintos consoante a espécie. Por último, interpretar estes dados à escala local e regional.

Pelos dados analisados é desde já possível evidenciar uma significativa variedade de recursos faunísticos de vertebrados, onde os animais domésticos se encontram melhor representados do que os animais selvagens. Os caprinos e os suídeos parecem surgir como as espécies domésticas preponderantes, enquanto o gado bovino surge significativamente menos representado.

Além dos mamíferos, os habitantes do *Castro da Columbeira* exploraram outros recursos animais, nomeadamente aves, peixes e malacofauna. Porém, as evidências arqueológicas sobre a exploração deste tipo de recursos são bastante escassas.

Se à escala local é seguro concluir que aqui se praticou uma economia agro-pastoril complementada pela atividade cinegética, quaisquer dados conclusivos a avançar à escala regional dependem da análise da totalidade da coleção bem como do estudo comparativo da arqueofauna do Castro da Columbeira com outros sítios arqueológicos emblemáticos do Calcolítico Estremenho (e.g.: Povoado de Leceia, Povoado do Zambujal, Penedo do Lexim, etc.).



Fig. 1. Implantação do Castro da Columbeira (Serra do Castelo): área escavada do recinto central.



Fig. 2. Astrágalo direito de *Bos primigenius* (Auroque).



Fig. 3. Amostra de pontas de seta em sílex do interior da torre.

**BIBLIOGRAFIA**

- CORREIA, F. R. *O Castro da Columbeira (Bombarral): A Exploração dos Recursos Faunísticos no Calcolítico Estremenho*. Tese de Mestrado, Universidade do Algarve, Faro, 2015.
- GONÇALVES, J. L., «Castro da Columbeira. Uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho?», in *Al-madan*, 2ª série, 3, Almada, 1994.
- SCHUBART, H., FERREIRA, O. V., MONTEIRO, J. A., *A Fortificação Eneolítica da Columbeira – Bombarral*, ed. Câmara Municipal do Bombarral, Bombarral, 1969.
- MOURA, H., Relatório das prospecções realizadas em 1986, ed. policopiada, s/data.
- VASCONCELLOS, J. L., «Chrónica – Excursão arqueológica no Cadaval» in *O Arqueólogo Português*, I (18), Lisboa, 1913.
- VASCONCELLOS, J. L., «Aquisições do Museu Etnológico Português», in *O Arqueólogo Português*, I (15), Lisboa, 1910.

# CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DAS ESTRUTURAS EM NEGATIVO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO BAIXO ALENTEJO: O ESTUDO DA FRAGMENTAÇÃO NA COMPREENSÃO DA NATUREZA DOS SEUS CONTEXTOS.

Lídia Maria Gonçalves Baptista (Arqueologia e Património Lda. / Aluna de Doutoramento em Arqueologia, FLUP/CEAACP) & Sérgio Alexandre da Rocha Gomes (Investigador de Pós-Doutoramento, CEAACP)

## ABSTRACT

Since 2007, the team of Arqueologia e Património Lda. has been excavating several Late Prehistoric sites in Baixo Alentejo (South of Portugal), due the Alqueva Dam project. These sites contained negative structures with different morphologies and fills, whose study has been contributing to a better knowledge of prehistoric communities from the region. In most of the fills we have recorded the presence of fragmented artefacts. Given this reality, the study of fragmentation becomes a challenge in our understanding of these features. In this paper we intend to discuss how by studying the fragmentation of materials we may go beyond the limits of a reality that, a first glance, appears as a set of separate units. It should be noted that the study of fragmentation allows an inquiry with a wide range of issues, whose approach exceeds our aims in this paper and as such, we will focus our analysis on three topics: 1. The study of fragmentation as a way to describe and understand the deposits from a structure; 2. How the data coming from the fragmentation process can help us to understand the stratigraphic sequence from a structure; 3. How the study of fragmentation can lead us to create links between different structures.

## KEY WORDS

Late Prehistory; Negative structures; Fragmentation

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. BREVE APRESENTAÇÃO DA BASE EMPÍRICA EM ANÁLISE

Este artigo centra-se na discussão acerca do modo como o estudo da fragmentação pode contribuir para a compreensão dos contextos das estruturas em negativo da Pré-história Recente do Baixo Alentejo. Os exemplos que iremos apresentar foram selecionados de um conjunto de 129 sítios (Fig. 1) intervencionados pela equipa da Arqueologia e Património Lda., no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes patrimoniais decorrentes da construção de inúmeras infra-estruturas promovidas pela EDIA, S.A.. Estes sítios, com diferentes tipos de implantação, apresentam estruturas em negativo de diferente morfologia e articuláveis com diferentes períodos da Pré-história Recente, nomeadamente Calcolítico e Idade do Bronze. Em termos estratigráficos, há a salientar que, na maioria dos casos, as estruturas encontram-se cobertas pelas terras de lavra, sendo identificadas ao nível do topo do substrato geológico. A contrastar com esta monotonia, o interior das estruturas apresenta sequências de enchimento muito distintas, que podem corresponder tanto a um único depósito sem componente artefactual como a uma sequência que articula níveis de sedimento, níveis pétreos, níveis de componente artefactual, níveis de ecofactos, níveis de inumação de cadáveres humanos e/ou animais. Estamos, assim, face a uma base empírica extensa e que se pauta por uma acentuada variabilidade, cuja ordem tentaremos ensaiar a partir do estudo da fragmentação.

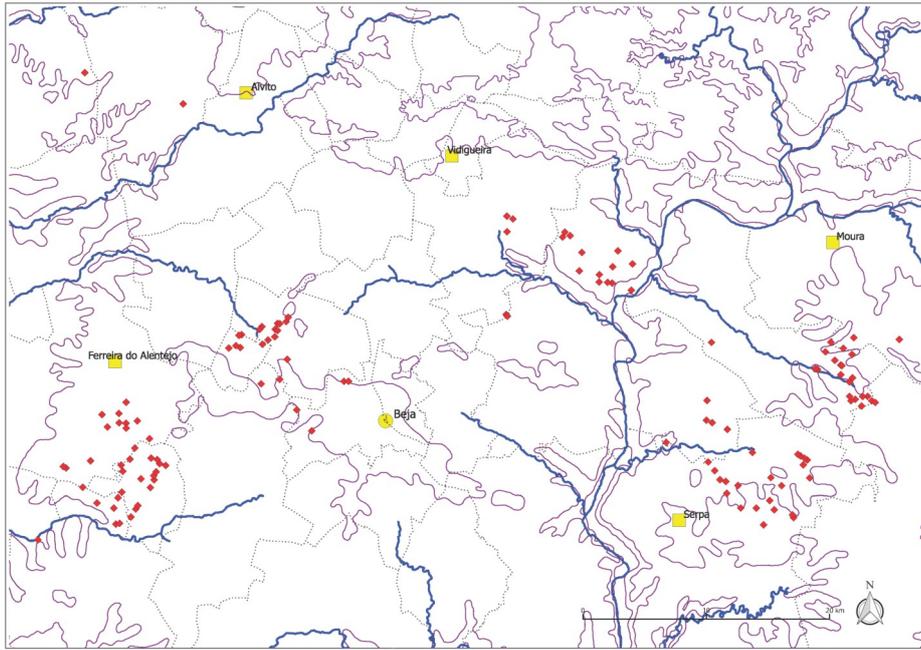


Fig. 1. Mapa dos sítios intervencionados.

## 1.2. O ESTUDO DA FRAGMENTAÇÃO: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O estudo da fragmentação que temos desenvolvido encontra-se articulado com diferentes momentos da “economia arqueológica” (LUCAS 2012), colocando em diálogo processos de análise desenvolvidos em escavação e em pós-escavação, nomeadamente no estudo da componente artefactual e na revisão da estratigrafia registada. Assim, partindo dos métodos de escavação e registo propostos por Harris (1991) e Barker (1977), tentamos decompor os enchimentos das estruturas em Unidades Estratigráficas que, partindo da análise tafonómica da realidade em escavação, viabilizem o estabelecimento de uma sequência estratigráfica, a partir da qual se possa estabelecer uma síntese acerca das diferentes dinâmicas que possam ter originado o seu enchimento. No modo como desenvolvemos esta analítica encontra-se presente o pensamento de Schiffer (1972, 1975, 1976, 1987), nomeadamente no que diz respeito a uma constante aferição dos patamares de confiança do registo arqueológico e, com base nessa aferição, num ensaio das possibilidades de interpretação dos vestígios materiais em análise. Na exploração das possibilidades interpretativas dos vestígios e, por conseguinte, nas suas implicações metodológicas são especialmente relevantes os estudos de Thomas (1999), Chapman (2000), Garrow (*et al.* 2005) Chapman e Gaydarska (2007) e McFadyen (no prelo). Neste quadro conceptual, o estudo da fragmentação da componente artefactual e dos elementos osteológicos torna-se, então, uma tarefa, simultaneamente, heurística e hermenêutica, visando a produção de uma realidade que, partindo da base arqueográfica e dos processos de estudo que lhe são inerentes, se abre à edificação de relações de sentido entre os diferentes elementos que compõem o registo arqueológico.

A ênfase que damos ao estudo da fragmentação na produção do conhecimento acerca das comunidades que habitaram o Baixo Alentejo durante a Pré-história Recente decorre, em parte, da nossa participação no estudo dos recintos murados da região do Alto Douro, designadamente de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. de Foz Côa) e de Castanheiro Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa). Com efeito, o estudo da fragmentação de uma das estruturas de Castelo Velho de Freixo de Numão trata-se de um texto pioneiro em Portugal (JORGE *et al.* 1998), onde o estatuto de fragmento da componente artefactual em associação a um nível de inumação é apresentado como ordem a partir da qual é problematizado o sentido do contexto. Recentemente, esta realidade foi novamente abordada por Susana Soares Lopes, demonstrando como o carácter fragmentário da

realidade em questão nos interpela acerca da possibilidade de construção de uma rede de ações ampla que coloca em causa a sua associação imediata a um contexto funerário (Jorge 2014). A análise das componentes artefactuais cerâmicas destas duas estações tem constatado e problematizado em diferentes linhas de pesquisa o modo como se pode ter processado a fragmentação da realidade (ver, por exemplo, BAPTISTA 2003; BOTELHO 1996; CARDOSO 2007; GOMES 2003; MCFADYEN NO PRELO; OLIVEIRA 2003; VALE 2003; 2011). A par destes estudos, existem outros colegas que têm discutido a temática a propósito de estações de outras regiões peninsulares (BLANCO-GONZÁLEZ *et al.* 2014; CASTANHEIRA 2014; PINTO 2010; VALERA 2010, por exemplo).

No que diz respeito ao modo como temos vindo a articular este estudo com as arqueociências, área em discussão neste encontro, é de salientar o seguinte conjunto de aspetos:

- a recolha sistemática de amostras de sedimentos no decurso de escavação, no sentido de viabilizar estudos posteriores (nomeadamente de sedimentologia);
- a recolha, inventariação e conservação de amostras vegetais, para posterior estudo em articulação com equipas de antracologia;
- a realização de estudos de antropologia física, em articulação com a Dr.<sup>a</sup> Zélia Rodrigues, responsável pelos estudos desta área na Arqueologia e Património Lda.;
- o estudo dos elementos faunísticos em articulação com a Dr.<sup>a</sup> Cláudia Costa (BAPTISTA *et al.* 2012, COSTA & BAPTISTA 2014, COSTA *et al.* 2013);
- o estudo dos elementos metálicos em articulação com a equipa do ITN, Dr. Pedro Valério e Professor Doutor Monge Soares (VALÉRIO, BAPTISTA *et al.* 2015, VALÉRIO, SOARES *et al.* 2015, VALÉRIO *et al.*, no prelo)
- e, por último, em associação com o Professor Doutor Monge Soares, a integração de amostras provenientes das estações intervencionadas no âmbito de projetos relacionados com o estabelecimento de periodizações para a Pré-história Recente da região alentejana (BAPTISTA *et al.* 2013, MATALOTO *et al.* 2013).

## **2. O PAPEL DO ESTUDO DA FRAGMENTAÇÃO NA COMPREENSÃO DOS ENCHIMENTOS DAS ESTRUTURAS EM NEGATIVO: ALGUNS EXEMPLOS**

No sentido de apresentarmos o modo como o estudo da fragmentação tem contribuído para a compreensão dos sítios de estruturas em negativo, centraremos a nossa análise em três tópicos:

- a fragmentação enquanto modo de caracterização dos diferentes depósitos de enchimento das estruturas;
- a fragmentação como meio de compreensão das sequências de enchimento das estruturas;
- e, por último, a fragmentação enquanto modo de criar ligações entre estruturas distintas.

Para cada um dos tópicos, selecionamos um conjunto de contextos, cujo estudo exemplificam os diferentes modos como a fragmentação pode ser usada para problematizar os sentidos que podemos fazer emergir a partir dos vestígios arqueológicos.

### **2.1 A FRAGMENTAÇÃO ENQUANTO MODO DE CARACTERIZAÇÃO DOS DIFERENTES DEPÓSITOS DE ENCHIMENTO DAS ESTRUTURAS**

Neste ponto apresentaremos os seguintes exemplos:

- a Estrutura 22 de Monte de Marquês 15 (Beringel, Beja), um contexto articulável com o Calcolítico regional (BAPTISTA *et al.* 2010b; VALE 2013);
- e a Estrutura 5 de Monte Branco 3 (Pias, Serpa), um contexto que testemunha uma ocupação do sítio durante a Idade do Bronze Final (BAPTISTA & FERNANDES em preparação).

Com estes exemplos iremos demonstrar como a análise da fragmentação de um conjunto de níveis de concentração de fragmentos cerâmicos nos permitiu caracterizar tal elemento estratigráfico e problematizar o enchimento da estrutura.



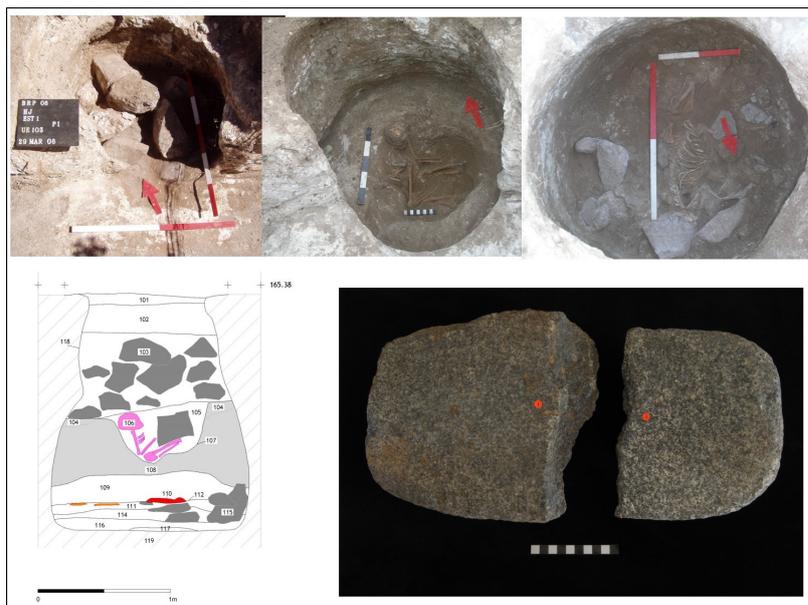


Fig. 4. Imagem síntese de Horta do Jacinto.

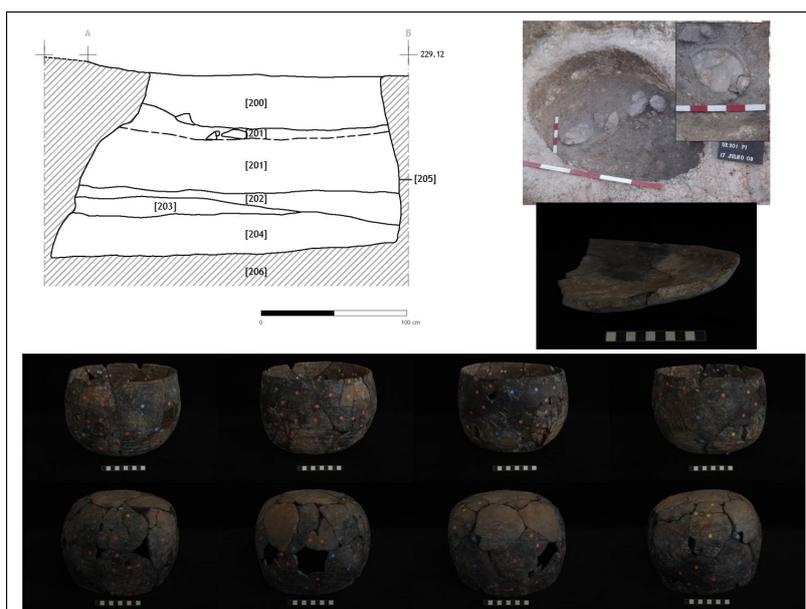


Fig. 5. Imagem síntese de Vale de Éguas 3

### 2.3. A FRAGMENTAÇÃO ENQUANTO MODO DE CRIAR LIGAÇÕES ENTRE ESTRUTURAS DISTINTAS

Por último, apresentaremos um conjunto de estruturas de Montinhos 6 (Brinches, Serpa) articuláveis com a Idade do Bronze regional no qual foi possível estabelecer remontagens entre elementos provenientes de diferentes estruturas. Num dos casos - Estruturas 34, 40, 42, 100 e 120 - trata-se de colagens entre fragmentos cerâmicos; o outro caso corresponde a uma colagem entre elementos osteológicos humanos provenientes das diferentes câmaras do Hipogeu 118 (BAPTISTA & GOMES 2011; BAPTISTA *et al.* 2012, BAPTISTA 2013).

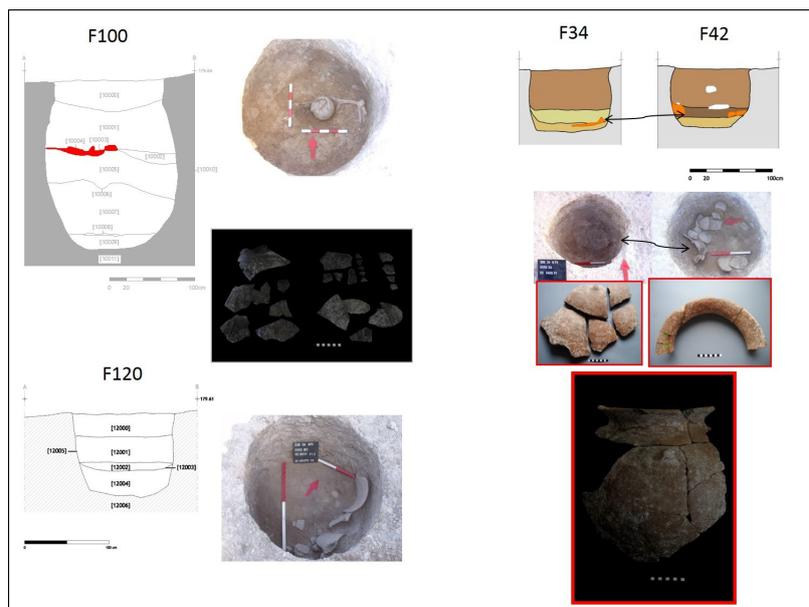


Fig. 6. Imagem síntese para as estruturas das cerâmicas.



Fig. 7. Imagem síntese para as estruturas dos ossos.

### 3. APONTAMENTO FINAL

O estudo da fragmentação dos elementos que compõem o registo arqueológico é uma “tarefa” fundamental no processo de investigação dos testemunhos materiais do passado. Enquanto arqueólogos, trabalhamos sempre com “fragments from antiquity”, parafraseando J. Barrett (1994), e, nessa medida, todo o nosso movimento de análise tem em consideração esta particularidade do grau de integridade do nosso objeto de estudo. A atualização do modo como estudamos a fragmentação encontra-se sempre indexado ao conjunto de questões que orientam a nossa pesquisa e ao modo como essas questões se articulam com materialidade que vamos produzindo no decurso das intervenções arqueológicas (LUCAS 2012). Assim, o trabalho que apresentamos corresponde a um ponto de situação deste infinito itinerário de análise, leitura e materialização que é inerente à prática arqueológica.

## BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L., 2003. *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- BAPTISTA, L., 2013. "A Idade do Bronze no concelho de Serpa: um primeiro esboço de um conhecimento em construção" *Atas do VI Encuentro de Arqueologia do Suroeste Peninsular*, editado por Jimenez Ávila, J, Bustamante, M. & Garcia Cabezas, M., 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz), pp. 669-707
- BAPTISTA, L., CUNHA, L. & GOMES, S., 2010a. *Bloco de Rega de Pisão. Intervenção Arqueológica em Horta de Jacinto*, Arqueologia e Património Lda.
- BAPTISTA, L., CUNHA, L. & GOMES, S., 2010b. *Bloco de Rega de Pisão. Intervenção Arqueológica em Monte do Marquês 15*, Arqueologia e Património Lda.
- BAPTISTA, L. & FERNANDES, S., em preparação. *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico Caliços-Machados - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica - Monte Branco 3*. Relatório Final Arqueologia & Património, Lda.
- BAPTISTA, L., & GOMES, S., 2011. *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Montinhos 6*, Arqueologia e Património Lda.
- BAPTISTA, L., & GOMES, S., 2012. "Vale das Éguas 3 (S. Salvador, Serpa): fragmentação de materiais cerâmicos e enchimento de estruturas", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Novembro de 2010, Município de Almodôvar, pp 597-604.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. & COSTA, C., 2012. "As dinâmicas de deposição no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja)", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Novembro de 2010, Município de Almodôvar, pp 585-596.
- BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L.; SOARES, A.M.M. & GOMES, S., 2013. "A construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão nos IIIº e IIº Milénios a.C." *Atas do VI Encuentro de Arqueologia do Suroeste Peninsular*, editado por Jimenez Ávila, J, Bustamante, M. & Garcia Cabezas, M., 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz), pp. 791-827
- BAPTISTA, L., RODRIGUES, Z. & PINHEIRO, R., 2012. "Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Novembro de 2010, Município de Almodôvar, pp. 149-170.
- BARKER, P., 1977. *Techniques of archaeological excavation*, Batsford, London
- BARRETT, J. C., 1994. *Fragments of Antiquity. An Archaeology of Social Life in Britain, 2900-1200 BC*. Oxford: Blackwell.
- BLANCO-GONZÁLEZ, A.; KREITER, A.; BADRESHANY, K.; CHAPMAN, J. & PÁNZCÉL, P., 2014. "Matching Sherds to Vessels through Ceramic Petrography: An Early Neolithic Iberian Case Study", *Journal of Archaeological Science*, 50, pp. 139-152.
- BOTELHO, I., 1996. *Dos cacos e dos vasos. O "Castelo Velho" de Freixo de Numão, na charneira do IIIº/IIº mil. a.C. Contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- CARDOSO, J. M., 2007, *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa - Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- CASTANHEIRA, P., 2014. "Os conjuntos artefactuais cerâmicos de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja)", *Bela Vista 5, Um Recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*, Coordenado por Valera, A., ERA Monográfica 2, Lisboa, pp. 59-86
- CHAPMAN, J., 2000. *Fragmentation in Archaeology. People, places and broken objects in the prehistory of South Eastern Europe*. London, New York: Routledge.
- CHAPMAN, J. & GAYDARSKA, B., 2007. *Parts and Wholes. Fragmentation in Prehistoric Context*. Oxford: Oxbow Books.

- COSTA, C. & BAPTISTA, L., 2014. "The inclusion of faunal remains in Bronze Age funerary practices in Southern Portugal. Montinhos 6 - a case study", *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*, Edited by Detry, C. & Dias, R., Held at the Faculty of Letters, University of Lisbon, 8th-9th March 2012, BAR, International Series 2662, 2014, 33-46
- COSTA, C.; GOMES, S. & BAPTISTA, L., 2013. "Depósitos faunísticos dos enchimentos das estruturas em negativo de planta sub-retangular alongada e em forma de "osso" da Pré-história Recente do Interior Alentejano" *Arqueologia em Portugal – 150 anos* (Atas do I Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses), pp. 387-395.
- CUNHA, L., BAPTISTA, L. & GOMES, S., 2010. *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Vale de Éguas 3*, Arqueologia e Património Lda.
- GARROW, D., BEADSMOORE, E. & KNIGHT, M., 2005. "Pit clusters and the temporality of occupation: An earlier site at Kilverstone, Thetford, Norfolk". *Proceedings of the Prehistoric Society*, 71, pp.139-157.
- GOMES, S., 2003. *Contributos para o estudo dos "pesos de tear" do Castelo Velho de Freixo de Numão (VN de Foz Côa). Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- HARRIS, E. C., 1991. *Principios de estratigrafía arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona.
- JORGE, S.O., 2014. "Enclosures and funerary practices: about an archaeology in search for the symbolic dimension of social relations" *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, edited by Valera, A., BAR International Series 2676, pp. 71-82
- JORGE, S. O., OLIVEIRA, M. L., NUNES, S. A. & GOMES, S. R., 1998-1999. "Uma Estrutura Ritual com Ossos Humanos no Sítio Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V<sup>o</sup>. N<sup>o</sup>. de Foz Côa)", *Portugália*, nova série, vol. XIX-XX, pp. 29-70.
- LUCAS, G., 2012. *Understanding the Archaeological Record*, Cambridge University Press
- MATALOTO, R; MARTINS, J. M. M.; SOARES, A. M. M., 2013. "Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, Base de Dados, Tratamento Estatístico". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, pp. 303-338.
- McFAYDEN (no prelo) "The breakage and post-breakage histories of the pottery at Castelo Velho". In Oliveira Jorge, S. (ed.) *Castelo Velho*. Porto.
- OLIVEIRA, M. L., 2003. *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. de Foz Côa)*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada
- PINTO, D., 2010, "Revelações sobre a cultura material: como um conjunto cerâmico conta uma história de estratigrafia". Comunicação apresentada no *II Encontro de Jovens Investigadores*, promovido pelo CEAUCP-CAM, Porto FLUP, Janeiro 2010.
- SCHIFFER, M.,1972. "Archaeological context and systemic context". *American Antiquity* 37:156-165.
- SCHIFFER, M.,1975. "Archaeology as behavioral science". *American Anthropologist* 77:836-848.
- SCHIFFER, M., 1976. *Behavioral Archaeology*. New York: Academic Press.
- SCHIFFER, M., 1987. *Formation Processes of the Archaeological Record*. University of New Mexico Press.
- THOMAS, J. 1999. *Understanding the Neolithic*. London: Routledge
- VALE, A. M., 2003. *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V<sup>o</sup> N<sup>o</sup> de Foz Côa). Contributos para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- VALE, A. M., 2011, *Modalidades de produção de Espaços no contexto de uma Colina Monumentalizada: O Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- VALE, N.; OLIVEIRA, L.; BAPTISTA, L. & GOMES, S. (2013) "Práticas de enchimento de estruturas em negativo no Monte do Marquês 15 (Beringel, Beja)" *Atas do VI Encuentro de Arqueologia do Suroeste Peninsular*, editado por Jimenez Ávila, J, Bustamante, M. & Garcia Cabezas, M., 4 e 6 de Outubro de 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz), pp. 551-574

# BIG SITES, BIG ENCLOSURES.....BIG DATA? LA TERCERA REVOLUCIÓN CIENTÍFICA Y EL ESTUDIO DE LOS RECINTOS DE FOSOS

José Enrique Márquez Romero & José Luis Caro Herrero  
Universidad de Málaga



## ABSTRACT

Since the end of the 20th century, the University of Malaga (UMA) has been developing innovative lines of inquiry that have resulted in abundant scientific production, participation in numerous national and international scientific meetings, and the coordination of several nationally and regionally funded research projects on the theme of ditched enclosures. At this meeting, we will develop our research guidelines, which consist of three main ideas: 1. The solidification of the concept of RF (Recintos de fosos) as a viable analytic tool as opposed to the traditional notion of fortified settlement; 2. The application of specific methodologies optimized for the study of RF; 3. The development of new strategies to protect, preserve and foster public access to RF.

## KEY WORDS

Third Science Revolution, Archaeology, Prehistory, Neolithic, Chalcolithic, Ditched enclosures, Iberian Southwest, Heritage.

## INTRODUCCIÓN

En la última década se han producido importantes avances tecnológicos en la arqueología que están generando un profundo cambio metodológico en nuestra disciplina. La denominada **tercera revolución científica** (KRISTIANSEN 2014) ha incorporado, en el día a día del arqueólogo/a, recursos de gran potencialidad. En este sentido, cabe señalar que los sistemas de almacenamiento masivo de la información y el acceso inmediato a ellos (Big Data), el empleo de sistemas de información geográfica para realizar modelos (GIS), los análisis bayesianos de las cronologías absolutas, los análisis de isótopos de estroncio, o de A-ADN entre otros métodos científicos se hacen, cada día, más necesarios.

Esta contingencia ha coincidido con un momento de crisis significativa en el empleo de los marcos teóricos que surgieron y se consolidaron en los años 80 y 90 del pasado siglo (marxismo, estructuralismo...), pero que en la mayoría de casos han resultado, por reduccionistas, insatisfactorios para explicar el pasado a partir de las evidencias arqueológicas. La gravedad de esta crisis ha llevado a no pocos autores, incluso, a anunciar “la muerte de la Teoría” (BINTLIFF Y PEARCE 2011).

Ambas circunstancias confluyen hoy en el panorama de nuestra disciplina, de tal modo que empieza a haber un convencimiento que los avances tecnológicos terminarán por hacer innecesaria o superflua la interpretación; se trata, en palabras de J.Thomas, de una vuelta al empirismo ingenuo (2015: 12). Pero a nadie se escapa que estamos ante un nuevo capítulo de un viejo problema epistemológico que enfrenta, cíclicamente, a los que defienden que el conocimiento se deriva de la observación o, por el contrario, a los que postulan que la observación depende de la teoría.

La presente reunión científica se muestra, sin lugar a dudas, como un lugar idóneo para abordar esta problemática a partir de un caso específico de estudio: los recintos prehistóricos de la Península Ibérica.

## ANTECEDENTES

A finales de los años 80 apenas si se conocían en la Península Ibérica yacimientos de fosos. Sólo una tardía industrialización y la proliferación de obras públicas y privadas de ingeniería comenzaron a documentar gran número de estos yacimientos. Fue, precisamente, la arqueología preventiva y de gestión la que inicialmente detectó estos yacimientos, pero en aquellos momentos finiseculares no existía ni un modelo teórico que pudiera explicar la naturaleza social de estos lugares, ni una metodología arqueológica específica que optimizara los recursos humanos y tecnológicos disponibles.

Tal circunstancia motivó, por una parte, que los modelos teóricos dominantes en ese momento integraran "ad hoc" este nuevo registro dentro de las lecturas funcionalistas y de la arqueología social naciendo, así, la teoría de los **grandes poblados fortificados con fosos**; por otra parte, las metodologías empleadas siguieron siendo las tradicionales, en las que la excavación de "todas" las estructuras *en negativo* encontradas primaban por encima de cualquier otra aproximación metodológica, circunstancia que perpetuó un desconocimiento profundo sobre la fisonomía de estos yacimientos.

El panorama descrito comenzaría a cambiar drásticamente a comienzos de nuestro siglo. Y lo hace cuando de forma paralela se produce un paulatino **cambio teórico** en la percepción histórica de estos yacimientos acompañado de una tímida **renovación metodológica**.

Así, es en ese momento cuando se comienza a reclamar carta de naturaleza para estos yacimientos y se los identifica con los **ditched enclosures** de otras zonas de europeas (DELIBES 2000-01, DÍAZ-DEL-RÍO 2001, MÁRQUEZ-ROMERO 2001). Este será un punto de inflexión en la investigación peninsular, hasta aquellos momentos centrada en la interpretación local del fenómeno, y abrirá un debate teórico fructífero entre los investigadores sobre la naturaleza económica, social y política de estos lugares (ver repaso historiográfico MÁRQUEZ-ROMERO Y JIMÉNEZ-JÁIMEZ 2010 cap.1).

En este contexto de cambio teórico, colateralmente, quedó de manifiesto también las limitaciones que los métodos tradicionales de prospección y excavación tenían para abordar esta fenomenología arqueológica y la necesidad de desarrollar estrategias específicas para su estudio.

## TERCERA REVOLUCIÓN CIENTÍFICA Y RECINTOS DE FOSOS

Tras quince años, la crisis teórica que se abrió con la sustitución del término **poblado fortificado con fosos** por el de **recinto de fosos** sigue abierta hoy día y sin consenso entre los investigadores. Algo parecido a la crisis que se generó entre los investigadores cuando el concepto de poblado fortificado, típico de la Cultura los Millares-VSP, también fue puesto en duda (Jorge 1994) y sustituido paulatinamente por el término **recinto murado**.

Sintetizando, en el momento actual podemos apuntar que existen tres lecturas con implantación académica para estos yacimientos fosados: los autores que los siguen identificando con poblados fortificados; los que por el contrario los consideran poblados sedentarios monumentalizados y, finalmente, los que los reconocen como monumentos habitados escenarios estacionales de agregaciones con marcado carácter político.

Donde sí se ha producido un profundo acuerdo es en la necesidad de cambiar radicalmente el método de trabajo. Esta circunstancia hará que se recurra a técnicas, que si bien no son novedosas, apenas si se habían aplicado al estudio de los recintos de fosos. De este modo, la denominada tercera revolución científica ha tenido una repercusión muy importante en este tipo de yacimientos. Por ejemplo, se empiezan a valorar en su justa medida las fotos aéreas como método imprescindible para caracterizar estos yacimientos, y a los casos pioneros de la Pijotilla en Badajoz (HURTADO 1991) la cuenca media del Duero (ARIÑO Y RODRÍGUEZ 1997; OLMO 1999) o en el yacimiento de Perdigoes (LAGO *et al.* 1998) se irán sumando nuevos ejemplos por toda la península (Fig.1). Además, paulatinamente se han ido sofisticando los métodos de teledetección en los que junto a las clásicas fotos del vuelo americano de 1956-57 o la popular consulta en Google Earth (VALERA Y PEREIRO 2013) se unirán otros más sofisticados como las ortofotos obtenidas en Plan Nacional de

Ortofotogrametría Aérea (PNOA) que ha aumentado, por ejemplo, el número de yacimientos en la cuenca del río Duero (DELIBES *et al* 2014). De igual modo en la última década han proliferado los sondeos geomagnéticos en muchísimos recintos de fosos peninsulares (Perdigoes, Valencina, Matallana, Xancra, etc.) tarea ésta en la que los trabajos de Helmut Becker han sido pioneros y ejemplares.



**Fig 1.** Fotografía aérea del yacimiento de Perdigoes tomada por Manuel Ribeiro en 1997 (LAGO *et al.* 1998: fig. 30).

Por otra parte, la paulatina generalización de los análisis bayesianos empieza a acotar con más precisión la cronología de la tradición de los recintos de fosos en la península ibérica (BALSERA *et al.* 2015) mientras que el trabajo de campo también se ha visto considerablemente modificado al incluirse la excavación en extensión como la única apropiada para abordar la toma de datos en estos yacimientos (SUÁREZ-PADILLA *et al.* 2013) en los que los estudios clásicos metalográficos, arqueofaunísticos, tafonómicos reorientan, ahora, sus objetivos y fines. Finalmente, y aunque todavía en su fase inicial, se están programando análisis de isótopos de estroncio que pueden proporcionar una nueva visión de la movilidad humana.

## **UNIVERSIDAD DE MÁLAGA. QUINCE AÑOS INVESTIGANDO LOS RECINTOS DE FOSOS PREHISTÓRICOS**

En la comunicación que presentaremos en el encuentro "*Pré-História Recente. Metodos multidisciplinary de Investigaçãõ*" expondremos los argumentos teóricos y metodológicos en los que hemos fundamentado el trabajo de nuestro equipo durante tres lustros y detallaremos los objetivos de nuestro actual Proyecto de Investigación<sup>1</sup> pronunciándonos sobre las luces y las sombras que sobre el estudio de los Recintos de Fosos pueden arrojar la última revolución científica. Podemos adelantar, que nuestra metodología (Fig.2) de trabajo ha descansado sobre tres pilares esenciales: a) definición del concepto Recinto de Fosos como categoría de análisis de naturaleza histórica; b) consolidación de una metodología específica para el estudio de los recintos de fosos y c) propuesta para la protección, conservación y difusión de los recintos de fosos.

<sup>1</sup> Proyecto Nacional de Excelencia I+D+i titulado: Arqueología y Patrimonio en los recintos de fosos: teledetección, caracterización y protección en los yacimientos del suroeste de la Península Ibérica. financiado por el Ministerio de Economía y Competitividad.



Fig.2. Mapa de concepto, simplificado, de la línea de investigación y objetivos de la UMA 2000-2015.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÑO, E. Y RODRÍGUEZ, J. 1997. El poblamiento romano y visigodo en el territorio de Salamanca. Datos de una prospección intensiva. *Zephyrus*, 50: 225-245.
- BALSERA, V.; BERNABEU, J.; COSTA-CAMARÉ, M.; DÍAZ-DEL-RÍO, P.; GARCÍA SANJUÁN, L. Y PARDO, S. 2015: The radiocarbon chronology of sothern Spain's Late Prehistory (5600-1000 Cal BC): a comparative review. *Oxford Journal of Archaeology* 34 (2): 139-156.
- BINTLIFF, J.L. Y PEARCE, M. (eds.) 2011. *The Death of Archaeological Theory?*. Oxford, Oxbow.
- DELIBES, G. 2000-2001. Del Bronce al Hierro en el Valle del Duero: una valoración del límite Cogotas I –Soto de Medinilla a partir de las manifestaciones de culto. *Zephyrus* 53-54: 293-309.
- DELIBES, G.; GARCÍA, M.; OLMO, J. DEL Y SANTIAGO, J. 2014. *Recintos de fosos calcolíticos del valle medio del Duero. Arqueología aérea y espacial*. Studia Archaeologica 100, Universidad de Valladolid.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P. 2001. *La formación del paisaje agrario. Madrid en el III y II milenios B.C.* Arqueología, Paleontología y Etnografía 9, Comunidad de Madrid.
- JORGE, S.O. 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras, II Serie*, (11): 447-546.
- HURTADO, V. 1991. Informe de las excavaciones de urgencia en La Pijotilla (Badajoz). *Extremadura Arqueológica*, (II): 45-68
- KRISTIANSEN, K. 2014. Towards a new paradigm? The third science revolution and its possible consequences in Archaeology. *Current Swedish Archaeology* (22): 11-34.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. y CARVALHO, A. 1998. Povoado dos Perdigos (Reguengos de Mosaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista portuguesa de Arqueologia*, (1): 45-152.
- MÁRQUEZ-ROMERO, J. E. 2001. De los campos de silos a los agujeros negros: sobre fosas, depósitos y zanjas en la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica. *Spal, Revista de Prehistoria y Arqueología*, (10): 207-220.

- MÁRQUEZ-ROMERO, J.E Y JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. 2010. *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios a.C.)*. Servicio de publicaciones de la Universidad de Málaga, Málaga.
- OLMO, J. DEL 1999. Arqueología aérea en Castilla y León. *Revista de Arqueología*, (215): 44-49.
- SUÁREZ-PADILLA, J.; CARO-HERRERO, J.L.; MATA-VIVAR, E.; MÁRQUEZ-ROMERO, J.E. & JIMÉNEZ-JÁIMEZ, V. 2013. Excavaciones en extensión de la Universidad de Málaga (UMA) en el yacimiento de Perdigoões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). El sondeo L1. Campañas 2011-2012. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste*, 4-6 November 2012, Villafranca de los Barros (Badajoz), 521-549.
- THOMAS, J. 2015. The Death of Archaeological Theory. En HILLERDAL, CH. AND SIAPKAS, J. (eds.) *Debating Archaeological Empiricism: the ambiguity of Material Evidencia*, Routledge, 11-31.
- VALERA, A. Y PEREIRO, T. DO 2013. Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospeccão sistemática", *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*, 345-350.



ISBN 978-989-8351-51-7